

Os Grandes Espantos

C O N T O S

EDUARDO CAMPOS

Os Grandes Espantos

C O N T O S

Fortaleza
1965

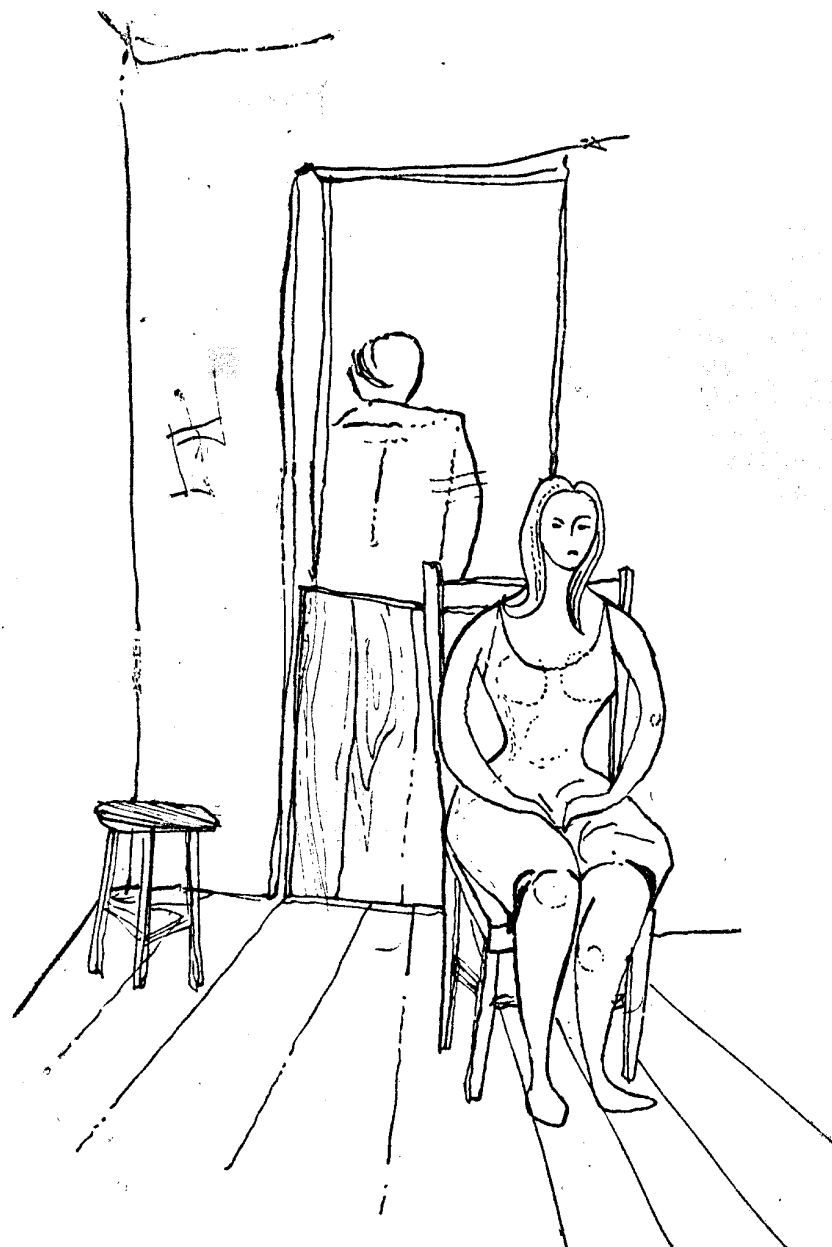
*Agora esperáveis que eu saísse
com grandes espantos*

PE. ANTÔNIO VIEIRA
Sermão na Misericórdia de Lisboa, 1669

SUMÁRIO

Joaninha Pé Torto	13
A assinatura	27
Os músicos e a moça morta	43
Os grandes espantos ou crime na madrugada	57
O esperado	73
Regresso sem fim	87
Presente para Mariana	101
Noite sem paisagem	119
O homem que perdeu o mar	131
Diligência, ora diligência... ..	143

Joaninha Pé Torto



— **A**nda! Está andando!

Acudiram todos: as vizinhas, amigas de Joaquina, e Zé Canuto, o biscateiro, que demorava ali a pastorear obrigações. As mulheres não queriam acreditar no que se referia Sabina, ofegante, fechando a porta com a fartura do corpo:

— Anda, a mulher anda!

Embarafustaram-se os curiosos de sala a dentro e foram encontrar Joaquina Pé Torto sobre si mesma, como se mais nada a impedisse.

— Um milagre, um milagre de Deus! — insistia Rita Sabina, sem ao menos esperar que a amiga mostrasse aos outros que o pé, de forma alguma, não lhe turbava mais. — Onde já se viu coisa igual? Começou a se mover como se nunca houvesse estado enferma!

As amigas, pressurosas, foram-se postar coladas à parede, duvidando.

— Ande, mulher, ande para que te vejam!

Foi aí que Joaquina Pé Torto muito a vagar, como se nenhum defeito físico a infelicitasse, principiou a caminhar. De verdade, não se poderá afirmar que andava. Trôpega, sem o auxílio do bastão de jucá queimado, que largara a um canto, ela arrastava-se passada após passada.

- Pelos céus! É mesmo um milagre!
- Quem havia de pensar numa coisa dessa!
Zé Canuto, basbaque, cobrava a exata informação do sucesso: - Veio melhorando ou aconteceu de estalo?
Afogueada, Rita Sabina parecia ter vindo do sol:
- Quem é que sabe? Só pode ter sido um milagre?
- Tem lá limite o poder de Deus! - sentenciou Rocilda, ajeitando os seios dentro da blusa
- Anda! Anda! - pediam.

E Joaquina Pé Torto, atendendo-os, desandou nervosa até onde estivera. Era feliz. E seria para menos?

Havia de ter mais de dez anos que não se podia afirmar naquele pé, desde a desastrada queda no Morro do Ouro, tropeçando numa lata d'água. No HPS a enfermeira beicuda lhe atendeu de má vontade. "Quê? Isso é um nada... Só luxo! Pode esperar, que o doutor tem coisas mais importantes..." O padrinho de Adriano, médico, atribuiu o insucesso da intervenção cirúrgica à demora no atendimento. E ela, que tanto apreciava dançar, apertada ao seu homem, ficou aleijada, e, por cima de tudo, a aumentar-lhe o desespero, apelidada de Joaquina do Pé Torto. O marido - era o narrar dos vizinhos - se não se plantasse noite e dia no boteco da praia, podia ter chegado a tempo. Ela própria soubera depois de casos semelhantes. A Rocilda, para não ir longe, tinha sofrido um atropelo danado e já agora andava perfeitamente.

- Marcha, mulher! Marcha!

Ela obedeceu, mas a remoer infelicidades. Dez anos dentro de casa, inutilizada, receosa de sair, coberta de vergonha. Só quem sabia o traste do marido que possuía, era ela. Acutilava-a com mil e uma ofensas, como se ela não andasse por mana ou preguiça. "Sabia lá que você era um saco de dengues!"

- Santa! Santa!

Rita Sabina, a enxugar o suor das mãos nos lados da saia estampada, orientava: - Senta e se levanta outra vez!

Joaninha seguiu até o banquinho; arriou-se nele. Calor e vento enrodilhavam-se mal chegados do mar, num instante inexplicavelmente calmo. Devia de andar o mundo por volta das quatro horas, - foi o que pensou Joaninha - e, a esse tempo, por malfeitoria do demônio, o marido já teria riscado do balcão a quinta ou sexta dose de aguardente. A quantas estaria quando regressasse à casa? Ah!, dessa vez ele haveria de desabar de espanto ao contemplá-la capaz de carregar outra vez latas d'água, de ir às compras, escolher corredor de boi para a feijoada...

- Levanta pra mim! Também quero ver - insistiam.

Ergueu-se, claudicando, e se firmou a custo. Dirigiu-então à janela, a ver de perto a fisionomia aparvalhada das amigas, outras mais que, chegando atacadadas, não mais cabiam na salinha exígua.

- Que tal? Estou bem? - indagava.

Entrecruzavam-se opiniões.

- Não tem quem se lembre do aleijão!

- Está tão boa que é capaz de dançar...

Alguém protestava: - Dançar? Essa mesma nunca mais saberá o que é uma valsa...

- Dança! - contrariou um velho.

Zé Canuto cantou a aposta: - Vou cinco mil réis contra só dois, de qualquer um, como não dançará mais!

Rita Sabina segurou a aposta, gritando:

- Desmoralize os homens, minha comadre. Basta dar uns passinhos!

Joaninha atrapalhava-se. Dançar? Mas como? Se nem música havia?

- Se é por isso, não se discute. Eu assobio - propôs Zé Canuto, começando.

Duas ou três mulheres entraram a bater palmas, marcando o ritmo, até que Joaquina deu em se mexer, de um lado para o outro, seguindo o compasso da música assim improvisada.

- Bravos!

- É de se tirar o chapéu!

Estrugiram palmas. Homens e mulheres urravam.

- Perdeu cincão, seu macho! - destacou uma voz de homem.

- Tem lá quem possa com os poderes de Deus!

Metiam-se nessa euforia, todos, quando Joaquina, se sentando no banquinho, principiou a chorar. Ah!, ela dispensava tanta zoada! Daria tudo para ser feliz outra vez com Adriano! Como queria que ele a deixasse de maltratar! Como o desejava levantado-a de novo ao cineminha de bairro, como nos idos tempos de namoro, quando ela era cozinheira, para apalpá-la!

Um enternecimento geral pôs-se diante dela.

- Que foi? Está chorando?

Rita Sabina tomando a frente explicava:

- É nada não, gente, é alegria! Um espantão desse deixa a gente encabulada!

Pedroso lembrou: - Vamos pra fora. Com esse calor, mais o povo todo em cima da mulher, não presta não.

Foram-se retirando, puxando conversa, discutindo. Um ou outro, de mais entusiasmo, destacava pormenores.

Zé Canuto abalou. Haveria de ser o primeiro a contar tudo a seu Adriano.

- Hem? Repita isso.

A voz do homem ressoava esquisita tal qual perra. Zé Canuto, entremostrando impaciência, repisou os aconte-

cimentos, mais isso, mais aquilo, até o detalhe auspicioso que o levava ali.

- Joaquina Pé Torto, minha mulher, andando?

Sim, sim, sem bastão nem nada - confirmou o biscateiro.

O homem não queria acreditar; até se zangava. E se virando para o Chico do boteco, simplesmente pediu: - Reabasteça aqui o degas, que essa história é de lascar!

- Que novidade há? - indagou o outro.

- Então, não escutou? - apontou Zé Canuto. - Veio me dizer que a Joaquina minha mulher está andando outra vez...

O biscateiro, já se arreliando, insistia:

- Digo e repito, que não sou homem de inventar.

Adriano entrou a rir. Engraçado! Se era!

- Mas eu vi! Juro. Rita Sabina também viu. Ela estava lá. - Passou a enumerar as testemunhas pelos dedos das mãos. Estava a Rocilda, estava o Pedroso...

- O Pedroso é uma égua! Sabe lá de nada!

- Mas estava lá e viu!

Adriano impacientou-se: - Doido, você é doido, seu macho! Joaquina Pé Torto é barco encalhado. O médico disse que até morrer ela haveria de penar com aquela pé de bater banha...

Zé Canuto, primeiro, teve vontade de mandar o outro à merda, mas se controlou. Falava calmo: - Nosso Senhor me dê uma morte de desastre, embaixo de trem, se não digo a verdade. Então, que motivo tinha de lorotar?

De repente, exultando, lembrou-se:

- Até dançou! Sim, senhor! Também isso.

Adriano, que se servira da bebida, afastou-se do balcão, assustado:

- Dançou? Você quer debochar da minha mulher ou de mim?

O biscateiro, agora, afogando-se, gritava:

- Dançou! Dançou! Dançou!

Chico do Boteco largou-se da pia, onde estivera lavando os corpos já servidos, e veio para diante dos dois:

- Nunca vai doidice maior! Puxa!

- Pode ser doidice, o diabo, mas é verdade! - falou Zé Canuto que se acalmara.

- Outra dose! Bote! pediu Adriano. - Posso lá acreditar numa anedota dessa. Que sentido faz?

Rita Sabina, que chegava, interpôs o seu esclarecimento. Aliviada do peso da lata d'água, ia direto ao assunto: - É de espantar, mas verdade. Joaquina Pé Torto a andar.

A coisa assim posta mudava de figura. Chico do boteco, pelo menos ele, ante a confirmação de Rita, afastou a dúvida. E confiando ao freguês, depois de considerar consigo próprio:

- Já não está aqui quem falou.

Zé Canuto gozava a situação: - Que dizer agora, seus machos? É mentira minha? É?

Adriano emburrou-se. O mormaço amainava-se com o fim da tarde que descera ligeiro sobre o morro. Escurecia o tempo. O ônibus das dezoito horas, barulhento, parara defronte ao boteco, enquanto se apeavam dois ou três operários. O trocador, da porta do coletivo, que arrancava, disse-lhes um palavrão, e todo mundo riu.

Chico levantou a passagem do balcão para alcançar a prateleira das garrafas. Balançava a cabeça, murmurando: "Que mundo! Que poder!"

Adriano continuava sem querer render-se à evidência dos fatos. Só passando um momento - que pareceu enorme para todos - é que referiu, limpando a boca com o dorso da mão magra:

- Joaquina andando... Não posso acreditar.

- Vá espiar. Não demore mais - aconselhou Sabina.
- Depois, depois... Primeiro vou acabar de beber.
- Se eu fosse o senhor, ia logo. Não esperava.
- Vou não - enfarou-se o homem. - Ninguém manda na minha vontade, d. Rita. Ouviu?

- Ouvi. Foi uma lembrança, só. Não falo mais. Afinal, que tenho eu com a vida de sua mulher? - voltando-se para a lata d'água - Vamos daqui, latinha, senão esse bicho te morde - e saiu resmungando.

- Ora, vai-te à...

Chico do boteco encostou-se no balcão: - Homem, aceite o conselho. É ir vigiar o que houve...

Adriano, indócil, deu com os ombros. Não lhe respondeu nada, mas pediu outra dose de aguardente, esclarecendo:

- A derradeira, e basta de sermão.

Servido, aquietou-se. Não sabia o que fazer. Podia-se ouvi-lo, de momento a momento, repetir "Não, não... Joaninha tem que morrer aleijada. O médico disse... E doutor sabe mais do que nós..."

Chico do boteco continuava calado. Pra que falar?

E ao homem que chegou para matar-o-bicho, principiou a narrar o acontecido, a assegurar que Joaninha Pé Torto, a que arrastava uma perna, e tal e coisa, e assim pelo diante, sarara.

A noite adensou-se e logo apontaram estrelas. Afinal, o calor passara. O vento, carregando a areia fia do morro, ia-a pondo, agora, sobre cães preguiçosos.

O sucedido de Joaninha Pé Torto prendera a atenção de todos por circunstâncias tais que já se falava, de porta em porta no arruado, que alguém, à tarde, comunicara o fato aos jornais.

Davam as sete horas quando Adriano, instado por um e por outro, resolveu ir para casa. Largou-se do bar, aos tombos, caminhando com dificuldade.

Joaninha Pé Torto, há horas, esperava-o sentada no banquinho. Mudara o vestido, atara uma fita encarnada no cabelo e pintara os lábios. Perfume não botou, que andava carecida...

Restava-lhe, das grandes emoções do dia, a ansiedade irreprímível pelo momento de mostrar ao marido que já não era uma inútil.

Intimamente, rezava para Adriano chegar. Queria-o, quanto antes, tocando a porta para a frente e curioso vindo, como antes os amigos e vizinhos, aquele seu milagre, e, depois, ampará-la de encontro ao peito, pedindo-a para exhibir-se diante de seus olhos.

Escorriam-lhe dos olhos lágrimas de contentamento por saber que não seria mais possuída dentro da rede como coisa sem serventia, algo morto ou imprestável. Voltaria a dançar nas quermesses do bairro, a freqüentar o cinema, a ter outra vez gosto de se enfeitar...

De repente, a porta foi empurrada, a gemer nas dobradiças; e a tanto ela empacou aflita. A figura de Adriano, por inteiro, recortou-se na parede caiada em que se projetava a luz da lamparina de pavio puxado.

O homem deu um fungado e avançou em sua direção, não como ela imaginava antes, pois estava muito bêbado, a mastigar frases e intenções:

– Sabe o que inventaram, mulher? Que você tinha voltado a ser gente outra vez. – Parou, respirando forte, a dois passos dela. – Mas não fui nessa não! Você sabe que eu sou como São Tomé; é para crer.

A voz da mulher, na garganta, perdia-se rouca e trêmula:

- É... eu... estou boa...

- Me disseram! Mas quero ver. Ande! ANDE!
Ela foi-se aluindo do banquinho, sofrida, indecisa.

- Eu apostei como você não andava. Quero ver.
Joaninha estava de pé rente à voz grossa e insensível do homem que continuava a debochar:

- Ande, seu diabo! Quero ver o seu pezinho de bater banha mover-se...

Ampliou o vozear grosseiro:

- Vamos, presepeira! Ande. Ande!
Recuou até sentar-se no caixão de querosene, a assistir de longe, gaiato, a enorme aflição que plantara no rosto da mulher banhado de decepção.

- Ande, quero ver você andar!

E Joaninha Pé Torto, por mais que tentasse, não pode andar para ele. Nem aquela hora... Nem depois... Nem nunca mais.

A assinatura



Matilde, gorda e falante, após acomodar-se com dificuldade na cadeira de embalo – o *tricot* sobre as coxas roliças –, respirou fundo. E, enfaticamente, repetiu alto a frase que lhe marcava a conversa:

– Isso, minha filha! Nós, as mulheres, devemos sempre estar preparadas para o sofrimento.

Com a agulha em breves círculos, outra vez, guiando invisíveis fios, acrescentou mais algumas palavras de conforto. Reformulou, então, a história do esposo, obscuro sargento da força policial, até a morte inafastável cruz em seu destino. Elvira, a outra, enredada em seu mutismo, sentia-se cada vez mais infeliz diante da opulência e do arfar dos seios da amiga. Nada ouvia em seu favor. Como os estranhos, a vizinha não a queria compreender. Tentara, em vão, explicar-lhe porque não tivera coragem de opor-se ao marido, triunfar sobre as suas grosseiras pretensões, ou considerar-se, pelo menos, dona de casa.

– É isso, filha! Quando esses marmanjos encontram uma tola como você, se aproveitam. Carregam a mão! Marido é assim.

Elvira respirou, sentida. O lenço erguido à altura do rosto, amparava teimosa lágrimas. Estava pensando agora na casa vazia, sem filhos, mas de certo modo feliz. Desde mocinha sofria a incompreensão de parentes e amigos. Crescera. O casamento, é bem verdade, não tardara, mas

viera cheio de decepções. Quantas vezes, por causa dele, não tivera vontade de fugir, de desaparecer! Faltara-lhe sempre, entretanto, a audaciosa coragem de deserção que as mulheres infelizes encontram nos romances.

Matilde, indiferente, aponta outra marca no *tricot*, enquanto arrastada pela imaginação, Elvira desanda aos muitos dias de infortúnios, como aquele em que a repreendera o pai, fustigando-a veemente: “Você não é flor que se cheire? Será sempre uma criaturazinha irresponsável: o futuro falará por mim, se tenho ou não razão!”

Em casa era a preterida. O de melhor para as irmãs, as de douradas tranças e de maior aplicação nos estudos. Não lhe mandavam ao piano, mostrar engenho, como às outras. Toque, filhinha, para que lhe apreciem os dotes!”

Ao transpor os vinte anos, perdendo o viço natural da juventude, pousou se importaram que, desarvorada, mergulhasse na impiedade do mundo. Daí por diante, tinha sido um pensar – sem afetos, sem mãos amigas. E a bruta, esparramada na cadeira, não lhe entendia o desespero. Como os seus familiares a amiga era também insensível e má.

– Menina, os machos são todos iguais!

– É a bebida, Matilde. Compreendia –, começou a desculpar o marido –, a bebida transforma os homens.

– Transforma nada! Duvido que o “seu” Moacir seja ruim consigo próprio. A ruindade é só contra você, besta!

– O vício é horrível – repisou.

– Inda mais essa! Vá esperando, vá! Seja tola e receba, de agrado, os pontapés. Foi você que deixou a casa de seus pais, onde tinha tudo, para se sacrificar por ele! E ele, o que lhe havia dado em retribuição? Gritava. Bebe-deira, ressaca! Depositou o tricô em cima da mesa, solenemente, a arrematar. Que vá para o inferno! Isso lá é qualidade de marido!

A outra emudecia. Não sabia como responder.

– E por cima de tudo, me dano! Você fica apalermada, sem ação! – Incisiva – Reaja!

Colocou-se diante dela:

– Você não lhe diz a verdade, porque continua caidinha por ele. Pondo malícia, perversidade na frase – En-ra-bi-cha-da!

Elvira não a escutava. Quem podia saber o que se passa no íntimo das criaturas? Ademais a amiga era fingida. Se não a quisesse contrariar, mudasse de assunto. Por que tanta insistência tola?

Alonga a visita no interior do lar que a recebeu de volta da igreja na transição de sonho à realidade. Rompera com os pais; ausentara-se do convívio familiar dos parentes para ancorar junto a Moacir, como se ele fosse salvar-lhe a vida.

O marido, entretanto, tinha-lhe saído cruel. Jamais tomara na devida conta o seu coração abrasado de amor. Embebedado, ao regressar dos clubes, atirava os sapatos sobre as poltronas, acintoso, enquanto a roupa, peça por peça – ao impulso de seu braço másculo –, desabara em cima de espelhos e enfeites derrubando-os na teimosia incosequente dos ébrios.

Tinha graça a amiga pretende resolver-lhe problemas com palavras e conselhos, despercebida da rispidez de um homem irresponsável que feria, freqüentemente, a decência de seu próprio lar.

Tudo muito fácil para quem, como ela, vivia ociosa, balofa e despreocupada. “Uma criatura sem entranhas, insensível e má”... – Começou a pensar.

– Elvira, Elvirinha! Fala, mulher!

A voz de Matilde, chamando-a, apostava dissonâncias com o chiado da cadeira-de-embalo que se arrastava no mosaico. Agora atroava na sala:

- 'stará doida? Deus meu, que ar de tristeza! Os maridos - enfiou outra laçada no trabalho, agressiva -, são todos assim, egoístas! No fundo, uns brutos, uns tratantes!

Passou a repisar a implicância.

A cadeira - rengue, rengue, rengue... - atritava-se no chão, marcando-o, sem parar.

- Muda essa cara, mulher de Deus! Repetia - Muda! É muda!

Elvira, ressabiada, estava a ponto de desesperar. Por mais que fizesse não se podia livrar das imagens que vinham, de longe, feri-la novamente. Matilde não honrava a sua amizade. Se a considerasse um pouquinho, estaria consolando-a, dando-lhe o calor de sua afeição.

Cerrou os olhos, achando providencial a escuridão que obteve. Por absurdo que fosse, pensou novamente no marido, nas palavras proferidas, à tarde, numa delicadeza intencional... Ah aquele diálogo!

- Olhe, Elvirinha, o jeito é vendermos a casa. É pequena, está muito danificada... Não nos serve mais. E você sabe: tenho compromissos inadiáveis.

- Não, não podemos vendê-la.

- Não podemos, mas devemos. Não encontro outra solução para os meus problemas.

Diante do espelho retificara o nó da gravata, a vigiá-la, sentindo-lhe as reações.

- Já combinei tudo. Logo mais, retornarei acompanhado do escrivão.

- Moacir!

- Não se discute mais, querida. Você assinará a escritura.

Ela implorava: - Compreenda! Não posso desfazer-me da casa!

- Tolice! Vou ganhar na loteria do Natal. E, além disso, estão aí dando sopa os financiamentos dos institutos.

- Mas você não desconta em folha; você...
- Que tem isso? Dá-se um jeito! Arranjo uma recomendação de deputado.

Enfiou o chapéu na cabeça, subiu o nó da gravata. E antes de ganhar a rua - que se inundava de sol - limpou a garganta, pigarreando forte.

Impossível descrever o que sofrera depois. As palavras de Moacir, cínicas, soavam-lhe como uma sentença de morte. Ela ia perder a casa após ter ficado sem mocidade e saúde, sem vontade e sonhos. Suportara tudo, até então, mas repugnava-lhe a idéia de desfazer-se do imóvel. Assim também já passava da conta!

- Não consinto! Não pode! Não pode! - começou a gritar.

Matilde, surpresa, susteve a agulha no ar:

- Que é? Está falando só?

- Acabo maluca, mas não vendo a minha casa!

- Bobagem, minha filha. Que tolice! O bom é viver em casa dos outros. Ao menos a gente não tem cuidados especiais, o menino risca a parede e fica por isso mesmo. Não se tem de arrumá-la a toda hora, de plantar dalias, plantinhas no jardim, de...

- Você sabe lá o que diz! - aborreceu-se a outra.

- Vá pensando... Vá!

Entrou a explicar a sua estranha teoria de morar em casa alugada. Falava alto, com espalhafato. Cansando-se, ajeitou-se na cadeira, suspendendo o vestido à altura das coxas para receber a fresca que lhe acudiu às penas.

- O negócio é aprender a bordar.

- Quero não! - respondeu abusada.

Odiava à amiga, diante de tamanha insensibilidade. Eram diferentes, considerou, não apenas no aspecto físico, mas em espírito, na maneira de encarar os problemas

da vida. Graças a Deus não se julgava igual a ela; podia lá comparar-se àquele trapo humano, insensível, frívolo!

- Se você tomasse umas aulas de *tricot*...

- Chega de *tricot*! - irrigou-se. Ergueu-se; foi ao jardim respirar a fragrância das rosas. Quem iria ocupar a casa? - pensou. Quem? Pessoa de bons costumes? Algum funcionário público aposentado? Teria a esposa deste a igual compreensão dos deveres domésticos a que se impunha? Ajeitou as dalias na janela do oitão; aspergiu um pouco d'água nos gerânios. De repente, arrepiou-se toda. E se convertessem a sua casa em ambiente para encontros secretos?

Tremia. A voz de Matilde, pegajosa, escorreu da varanda para o quintal:

- Menina, está chegando a hora! É melhor cuidar da vida!

- Não me amole, Matilde!

- Sou mais velha, não se aborreça! Sei o que lhe digo. Melhor vir arrumar a sala, trocar o vestido... o escrivão chegará logo mais.

- Ah, escritura!

Concordará em assiná-la? Lançará nela, de próprio punho, a sentença de extermínio do seu lar? Não, decididamente não cometerá esse desatino. Já decidiu romper com o Moacir, renegar o seu amor sacrificado, não vender a casa. Desta vez a mulher sofredora e dócil mostrar-se-á altiva.

- Não, não vendo, não vendo!

Largou o aguador; correu para cima da cama, aos prantos.

- Dinheiro nenhum comprará minhas flores, minha felicidade, minha casa! Ninguém me arrancará a assinatura da escritura! Ninguém.

- Que é isso, mulher? Que desespero é esse? Se não concorda, meta-se em coragem! O marido, que vá para as profundas do inferno!

Elvira chorava, um choro entrecortado por frases que lhe escapavam em haustos de agonia:

- Ah, que sofrimento! Deus meu! Preciso de amparo!

Matilde, a voz engordurada, tranquilizava-a:

- Vamos, deixe de tolice. Venha para a varanda aproveitar a brisa. O calor está lhe pondo nervosa. - Suspendeu a saia; as pernas nuas quase à altura das coxas - Você é muito moça, não aprendeu ainda a compreender os homens.

Levantou-se, a observar a porta da rua. Depois, vendo o *tricot* caído no chão, ergue-o contra o sol, a examinar se não o maculara a poeira. Satisfeita, arriou-se novamente na cadeira-de-embalo, retomando as marcas do bordado.

Sobre a cama, acometida de tremor, Elvira amaldiçoava a Moacir pela transação ruinosa. Não necessitava refletir para descobrir em que seria empregado o dinheiro do imóvel. Estava tudo claro. Restava-lhe o direito de lamentar-se, de considerar a sua revoltante falta de coragem, a estranha sina dos sucessivos padecimentos que experimentara até ali. Mas desta vez haveria de reagir, tomar-se de audácia e enfrentar o homem sórdido que escondia o marido. Ergueu-se resoluta:

- Não assino, ouviu? Nem que morra!

Consultou o relógio. Moacir prometera voltar à tarde. Se bem andasse, deveria estar a caminho. Ah, se ocorresse um tumulto na via pública - pensava - e a multidão furiosa arrebatasse e rasgasse o livro do escrivão! Assim, livrar-se-ia da cena violenta que prometia e a casa não se desgarraria de sua existência!

Enxugou o suor que lhe surdia à testa fria. O marido ia ver! Pensava que ela agüentava viver como um boneco? Que espécie de mulher julgava existir nela?

- Elvira -, lembrou a vizinha - devem ser eles.

Passos resolutos, com efeito, soaram na calçada suplantando o riso das crianças.

- Hem? Que foi? - perguntou, aturdida.

- Estou certa. São eles.

Os olhos de Elvira cresceram-lhe nas órbitas, aflitos; a mão trêmula, o coração pulsando, a testa gelada. Meu Deus - murmurou - será ele? Terá vindo também o escrivão?

Não queria aceitar a informação da amiga. Mas esta, cheia de ressonância, anunciava:

- Anda, Elvira, é "Seu" Moacir.

Acuiu-lhe a vontade de indagar se o marido viera só, se o homem do cartório o acompanhava. A pergunta, desnecessária, morreu-lhe na garganta. Moacir acabara de penetrar na sala, seguido de um velhote, sombrio, a abraçar um livro preto exageradamente grande.

- Ponha-o aqui; aqui - dizia ao outro, apontando a mesa de jacarandá da sala. Enquanto o homem obedecia, para depois sentar-se - continuou com azedume:

- Cheguei, Elvira. Ande.

- O quê? - foi o que, trêmula, ela pode murmurar.

- Venha logo! - gritou-lhe. - Não vê que o tempo é curto?

Curto, hem? Fosse esperando! Ela mesma não se disporia a assinar o indesejável livro. Jamais concordaria na venda da sua casa. Nela pretendia morrer. Queria...

- Que há com você, que não vem? - tornou o homem. - Perdeu a voz?

- Um instante, meu bem! - desculpou-se.

Ouviu-o resmungar. Matilde repetiu uma notícia do jornal, e o escrivão, com a voz arrastada, lembrou o adiantado da hora. Nisso, o relógio da cômoda principiou a soar.

– Anda, Elvira! Qualquer vestido serve. É uma solenidade simples – insistia Moacir.

Que fazia? Apresentava-se logo? – pensava ela.

Entrou a andar pelo quarto, nervosa. O vestido, molhado de suor, grudava-se-lhe no corpo agitado.

Mais alguns segundos e a voz do homem estugou-a outra vez:

– Ligeiro, Elvira! Já passa da conta!

Aparecia? Era hora de decidir.

No espelho da penteadeira ela viu o seu ar de espanto de alguém apanhado em falta grave.

Agora, foi um berro que estalou na sala!

– Elvira, isso passa da conta! Anda!

Resolveu, então, sair. O marido, impaciente, ao defrontá-la começou a falar cruamente: – Assim é demais! Você não aprende a viver! – Apagou o cigarro no cinzeiro e em seguida arrematou: – O escrivão vai ler o documento. Depois você o assinará.

– Será que...

Ela tentou explicar, mas se conteve. Ia perguntar se ele persistia na idéia maluca de vender a casa, mas a voz grosseira do homem, interrompendo-a, não lhe deixou dúvidas:

– Não atrapalhe! Está como combinamos.

O escrivão abriu o livro. Já de óculos, compenetrado, indagou: – posso começar?

Moacir aquiesceu num grunhido. E uma voz estranha, impessoal, fez-se ouvir. Elvira, cabisbaixa, pensava nas palavras do marido: “Depois você o assinará”. Era como se lhe dissesse: “Assina mesmo que não queira, que

você, a vida inteira, não passou de uma mulher manejada por mim!”

Mais lépida em alguns instantes, vagarosa em outros – galgando o obstáculo de uma palavra de difícil pronúncia – a voz firmava a escritura, envolvendo a sala em um ar soleníssimo, estranho e contratual.

– Eu deseja... – principiou Elvira.

Moacir interceptou-lhe a frase, bruscamente: – Não interrompa! O escrivão sabe o que lê.

– Alguma dúvida, minha senhora? – indagou o homenzinho.

– Não senhor. Nenhuma.

A leitura retomou o curso, chegando ao fim, convencional:

– Esta escritura paga em selos federais a quantia de quinhentos e onze cruzeiros e setenta centavos. Digo melhor, quinhentos e onze cruzeiros e cinquenta centavos, inclusive taxa de saúde. E como disseram, outorgaram, contrataram e aceitaram, lavrei a presente escritura que lhes sendo lida em presença de testemunhas... – Houve uma pausa – Já assinaram as testemunhas – acrescentou.

Virou-se para Elvira, estendeu-lhe o livro; de lápis marcou violentamente o lugar em que ela deveria firmar. Percebendo que lhe escapara grosseiro o gesto, conservou-o, oferecendo-lhe a caneta, delicado:

– Madame, queira assinar aqui, por gentileza.

Elvira ergueu a cabeça. Os olhos estavam-lhe turvos e o suor aflorava-lhe à testa. Moacir contemplava-a em expectativa e Matilde punha-se atenta, ciosa da posição privilegiada de assistir a tudo com intimidade.

– Vamos, minha filha. Não fique emocionada. Esta casa não vale tanto apego... – insistia Moacir, querendo-a convencer.

Defronte, na venda, o rádio principiou a tocar antiga valsa, sofrida, gelatinosa.

- Senhora, aqui. Por favor, nesta linha - repetiu o escrivão.

- Assine, meu bem - tomou Moacir - Assine.

Elvira tomou fundo a respiração. Afinal era aquele o esperado momento de decidir-se. Mostraria ao marido que também trazia um demônio dentro de si. Iam agora perceber que ela sabia agir com determinação e coragem. Não era, como sempre imaginaram, uma mulher submissa e vulgar. A amiga abelhuda haveria de sair dali, às pressas, para contar às vizinhas que a dócil Elvira estarecera.

Os seus seios subiam e baixavam, inflados no decote.

Encarou o marido, resoluta. Olhou para o seu rosto fino, macilento, de homem dominado pelo vício. E por mais que desejasse não viu nele mais que uns olhos súplices, irresistivelmente súplices.

Baixou os olhos para o papel.

E guiando o rastro azul da tinta a sua mão simplesmente assinou.

Os músicos e a
moça morta



Eram doze músicos. Talvez a metade não pudes-
se executar, com louvor, uma simples peça. Mas tal fora o
empenho do homem que os viera contratar para a festa, a
quarenta quilômetros da Capital, que o encarregado de
reuni-los não se esforçou para organizá-los com a devida
responsabilidade. A viagem – tudo estava a indicar – não
decorreria sem anormalidades, a começar pelo ônibus im-
provisado conseguido para transportá-los e que oferecera,
de saída, sérios transtornos na acomodação da bateria,
velho bombo guarnecido por duas caixas de couro-de-boi.
As reclamações quanto aos bancos duros, inconfortáveis,
e o motor que falhava a todo instante, somaram, de logo,
irritação ao grupo insatisfeito.

Mas, viagem é viagem. Logo que abalou o veículo,
avançando em demanda da estrada, os ressaltos dos pri-
meiros momentos desapareceram. O próprio motorista, que
estivera impaciente à partida, quando o carro ameaçara
enguiçar, – entre uma e outra fumaçada que puxava do
cigarro, – punha-se tranqüilo. O ajudante, um jovem de
gestos tímidos, não despregava os olhos dos instrumentos
e ansiava para que, sem tardança, fossem estes soprados
com vibração.

A tocata começaria por um músico alto, o do saxofone. Com habilidade lançou ao ar umas tantas notas musicais, experimentando o timbre do instrumento. Outro, sentado à frente, imitou-o. E sem que houvessem combinado, foram-se exercitando todos.

Quem não tocava algo, como o ajudante, passou a bater os dedos na porta do ônibus, acompanhando o ritmo. Não satisfeito, já improvisava um reco-reco, atritando nas vidraças do carro uma moeda.

Dois ou três viajantes que, à última hora, completaram a lotação do carro, tentavam também trautear a melodia assim nascida, e que se entremostrava o sucesso da temporada. Falava em bebida, mulher e orgia. E havia um dos passageiros, de voz anasalada, desentoadada, que estriando demasiadamente a palavra orgia divertia os outros.

– Não muda a pancada!

– Segura a batia!

Uma voz mais expedita:

– Repete esse orgia!...

O saxofone propôs outro toque. Derramou-se, então, no ar, uma marchinha de letra inexpressiva, rimando amor com dor e fervor. Agrado geral.

O motorista, apesar de inibido, experimentou cantar, ajudar o coro. Mas qual! Nada conseguia. Não se sentia bastante encorajado. Reconhecia-se tímido. E, agora, vendo os companheiros em animada agitação, invejavam os. Se soubesse tocar um instrumento, seria homem isento de contrariedades. O contratempo que se abatesse sobre a sua vida, seria ignorado sem esforço.

Bastava pegar um saxofone, um pistão, – assim pensava, – e começar a tocar.

– Canta, chofer!! – gritou um músico, aliviando-se do instrumento.

Não, não podia. Tentou explicar. Não era homem de aprender nem mesmo música de carnaval. Podia mentir? Não, não tinha jeito...

O carro, firme em suas mãos, avançava pela estrada. O ruído dos metais, a algazarra que corria no interior do ônibus, azafamada, despertavam a atenção de quantos se postavam à margem da rodovia. E ele, metendo-se em si mesmo, considerava-se frustrado. Se ao menos soubesse bater pandeiro... – começou a pensar.

O maestro, que conduzia o bando, tocou-lhe o ombro com intimidade. Desejava acender o cigarro.

– Fuma? – perguntou.

– Aceito. Me dê um.

Entretiveram conversa. Não se contendo o motorista confessava invejar os que sabiam tocar, divertir-se. Músicos, via-se logo, jamais ficavam contrariados. Tinham a alegria nas mãos, eram protegidos dos deuses.

– É o que eu digo – ajuntava. – Músico é músico. O sujeito tem saudade da noiva, está aborrecido da vida, seja lá do que for, e acha ligeiro um consolo. Basta pegar o instrumento e tocar. Há tristeza que resista?

O maestro abriu um sorriso largo diante das reflexões exageradamente otimistas do outro. Não, não era assim... – dizia-lhe. – Você está imaginando uma coisa completamente diferente da realidade. Todos nós somos humanos, sofremos do mesmo jeito. Até bicho sofre.

– Mas o instrumento consola, homem de Deus! Deixe para lá! Basta soprar no bocal, piriri-pipi-riri, – pronto!

Uma voz gritou lá detrás:

– Olha a conversa aí na frente! Vamos sair pra outra, que é melhor!

O maestro levantou-se. E, voltando-se para o grupo festivo, anunciou:

- Não será por isso, gente. Toca-se já o samba do Silvinha. Um, dois, três!

Teria completado a contagem?

O carro foi brecado de surpresa, os pneus se dilacerando, rangendo. O maestro, perdendo o equilíbrio, bateu com a cabeça no pára-brisa, e os outros, entre gritos, foram jogados sobre os bancos, atropelados, perplexos.

Houve um tinir de vidros, de peças metálicas em atrito. Mas, refeitos do deslocamento a que os impusera o carro, voltaram todos a cantar com espalhafato:

“Era a vida, era a vida que chegava

Era a mulher, a mulher que me amava!

Era a vida, a vida que...”

- Nossa! - gritou alguém.

O motorista estava lívido, assombrado diante da tragédia que contemplou. Queria subtrair-se à cena, mas tudo lhe parecia terrífico. O caminhão virado, - descortinado em fração de segundo à sua frente, - deixara impresso no chão dois sulcos profundos; o caminho percorrido até o salto mortal que o destroçara. Embora não se visse ninguém no carro, um pouco atrás, no barro vermelho da estrada, estava morta uma mulher. De braços estendidos, parecia pedir que se calassem.

- Que foi?

- Que aconteceu?

- Morreu galego?

A algazarra que se agitava foi morrendo até que o último músico, de olhos arregalados, pode contemplar a vítima.

- Desce! Desce! - gritavam.

Aparearam-se. O motorista do caminhão estava preso nas ferragens retorcidas pela violência do choque. Careciam examiná-lo à pressa, avaliar o alcance da cena trágica, balancear os mortos.

- Salva o chofer! - comandou uma voz.

Precipitaram-se todos para ajudar o guiador sinistrado a safar-se do veículo. Este, exangue, diante daquelas feições atarantadas, num supremo esforço, tartamudeou:

- A... a... a... moça... onde?

O silêncio confirmou-lhe a tragédia crua que vislumbrava. Ficou a olhá-los, então, sem falar; quieto. De repente, ergueu-se cambaleando e seguiu em direção dela.

- Minha filha! - começou a gritar.

Não o puderam conter. O maestro tentou ainda desviá-lo para o outro lado da estrada, para que não deparasse a vítima, - amortalhada em seu próprio vestido verde, de tule, - mas todo gesto, nesse sentido, restou-lhe inútil. O homem sangrava; sangue e graxa grudavam-se-lhe na roupa barrenta.

- Quero minha filha, quero... - insistia.

Ao encontrá-la imóvel, absorvida pelo rude choque da morte, entrou a chorar em desespero. Depois, foi-se acalmando, os olhos vermelhos, a respiração descompensada pela emoção. Intimamente, se perguntava: "Meu Deus, por que foi ela a escolhida? Tanta gente no mundo! Tanta gente ruim!"

Como uma criança, sem saber decidir, contemplou novamente os rostos estranhos dos músicos aparvalhados, que, empunhando seus instrumentos refulgentes ao sol, pareciam ter-lhe tocado o funeral da filha.

- Que faço?

Ninguém soube responder. O motorista do ônibus, depois de um momento, teve a idéia conveniente ao caso. Voltariam todos ao primeiro lugarejo conduzindo o cadáver. De lá pediriam providências por telefone.

Discordaram uns; queriam outra solução. A maioria, entretanto, só pensava na festa, na hora marcada, no tempo

que passava. “Compromisso é compromisso”. Se chegassem atrasados, podiam perder o contrato ou ter a fêria diminuída.

- Olha um automóvel! - gritou alguém.

Volveram todos para o carro que chegou. Dele apeou-se um homem alto e magro. De relance, considerou a extensão do desastre.

Pondo os olhos admirados no chofer acidentado, inquiriu-o:

- Que houve, Andrade?

- Uma desgraça, patrão! - respondeu o pobre homem.

Armou-se um silêncio incômodo, cruel, até o outro decidir-se:

- É colocá-la no assento do meu carro. Não podemos deixá-la aqui. Vamos.

Dois ou três músicos, sob a vigilância do maestro, com o cuidado consagrado aos mortos, acomodaram a moça. Puseram-na recostada no assento traseiro. Não fora a marca de sangue no vestido, poder-se-ia afirmar que nada ocorrera de anormal.

Quando o carro arrancou em disparada, os presentes perceberam o pai, entre soluços, perguntar:

- Filhinha, como foi isso? Hein? Como foi?

Um silêncio que não queria acabar tomou conta dos músicos até o carro desaparecer ao longe. Depois, uma voz lembrou que deviam tomar outras providências. Enquanto estiveram parados, perderam mais de meia hora. O maestro, consultando o relógio, concordava:

- É partir o quanto antes.

A maioria, entretanto, pouco apercebida, insistia em comentar a tragédia:

- Que coisa horrível! Coitadinha da moça!

- E o velho? Repararam nos olhos dele? Ia sofrendo muito!...

O maestro atento às horas que davam, tornou a lembrá-los:

- Vamos, pessoal, não adianta lamentar. A gente vai conversando dentro do ônibus.

Partiram, afinal. Por instantes o comentário do acidente dominou a conversa mantida sem gosto, amarga, até que alguém, metendo-se a engraçada, pilheriou:

- Nós vamos tocar numa festa ou acompanhar enterro?

Rira todos. Descobriram já alguns que não adiantava aquela tristeza. Afinal de contas, não conheciam a vítima, nem pertenciam à sua família. E a alegria voltou a dominar o coletivo. O ajudante improvisava novamente o recoreco na vidraça, e os viajantes, relutantes, aos poucos acertavam o compasso do samba que tocavam.

O guiador exultava. Não se dissera a si mesmo que eram eles uns insensíveis?

Estava visto que os músicos esqueciam facilmente. Fosse pegar um instrumento para tocar, depois do que acontecera, e ficaria sem jeito.

Aqueles homens não tinham entranhas! Como haviam esquecido depressa o vestido verde salpicado de sangue; o pai da moça a chorar, a gritar!... Ele era humano! Um simples chofer, mas de coração!

- Toma cuidado! Olham o buraco na estrada!

- Esse diabo parece que vai sonhando!

Houve um tombo forte no catrambi traiçoeiro, apenas isso, e o carro prosseguiu viagem.

- Vai-te, Satanás! Foi assim que o caminhão virou e matou a donzela! - comentou alguém.

Entre um pensamento e outro, de música em música, o ônibus avançou em demanda do casario que adiante despontava no vale verde, bem plantado. Daí a instantes penetravam na cidadezinha, venciam a rua principal, numa

carreira que foi terminar em frente do sobrado onde se exibiriam os músicos.

- É aqui, seu diabo! Pára!

- Freia, chofer aloprado!

O carro estacou rente à calçada.

Curiosos, despertados pela notícia do desastre, chegaram de todos os lados.

- A moça morreu no mesmo instante. E como brotava sangue pela boca! - diziam.

- O pai dela gritava como um doido! Quebrou os dois braços.

- Imprudência, já se vê. O caminhão fechou a curva com mais de mil.

O maestro, impaciente, apressava os músicos:

- Por aqui, ligeiro. A conversa fica pra depois! Agora é tratar de ajeitar os instrumentos.

O baterista, resmungando, apertava as tarraxas do tarol.

Um senhor entrado em anos e metido a importante, de permeio aos que trabalhavam, dizia:

- Se não tocarem o Gavião Malvado, não presta.

E como ninguém quisesse ouvir:

- Ei, tocam ou não tocam?

O maestro, compenetrado, explicava:

- Não está no repertório.

Ah! - deplorava o desconhecido - mas devia estar.

- Mas não está! Morre-se por isso?

- Não se morre, mas desanima muito. O gavião...

O maestro bateu palmas. Queria todos a postos. O baile começava.

Daí a instantes, irrompia a música. Dois ou três pares surgiram, aos volteios, pelo salão. Dos cantos, estimulados pelo ritmo, partiram outros.

Cada músico sabia de cor os episódios de uma festa; os seus momentos de maior vibração, os de declínio. Ao correr do tempo, vinha a hora para cada coisa, para as moças refazerem a pintura, para os cavalheiros, fartos de cerveja, procurarem o reservado. A hora mais triste, entretanto, que marcava o final da festa. Iam-se todos, inclusive os músicos, e o dono da casa, sonolento, era sempre quem ficava, só, a recolher cadeiras...

Aconteciam assim as coisas, naquele dia, até que Pedrão, de repente, repugnou, sentindo até chegar-lhe à boca um gosto esquisito. Que seria?! Músico de tarimba, jamais experimentara tão estranho sabor que, subindo e descendo no estômago, lhe dava vontade de lançar. Largou o instrumento, para cuspir, e não pôde mais soprá-lo.

Ao queixar-se ao colega do pistão, ouviu a aterradora revelação:

- Estou com a minha boca que é só fel!

- Deveras?

- Palavra de honra!

O outro cuspiu, sentindo náuseas.

- E o resto do pessoal? - perguntou, quando pôde tomar alento. - Será que estão sentindo o mesmo?

Estavam. O maldito gosto tomava conta de todos. O maestro, sem se agüentar mais, foi à cozinha servir-se de café. Quem sabe - pensava - se não é impressão? Um cafezinho forte podia resolver.

Resolvía não. Tentou uma dose dupla de aguardente, sentindo o calor da bebida fechar-lhe a garganta, sufocando-o. E nada!

Elesbão, que empunhava o clarinete, continuava pálido. Amargurado, ao comentar com o flautista, vexou-se. A cara do colega estampava um sofrimento sem tamanho.

- Que houve, pessoal?

Ninguém podia responder. A música tornara-se desagradável e incosequente. Surgiam protestos. O contratante do conjunto, decepcionado, veio cobrar do maestro uma explicação. Então, que disparate era um?! Não estavam bem pagos? Por acaso o contrato não valia?

Já agora, a todos ali presentes de uma farsa, expediente grosseiro de que se valiam os músicos para obter o reajustamento da fêria.

- Não, não é questão de dinheiro - desculpava-se o maestro.

- Pois então, é largar a preguiça, tocar direito!

Um, mais incisivo:

- Não somos crianças! Queremos alegria!

Alguém, sem conter a indignação:

- Na certa estão embriagados!

Aquela gente, decepcionada, não podia compreender que os músicos, como as demais criaturas, não estão imunes ao sofrimento. O gosto que lhes subia à boca, azinhavrado e cruel, não era o da aguardente ou o do bocal ensalivado dos instrumentos, mas da morte contemplada havia pouco.

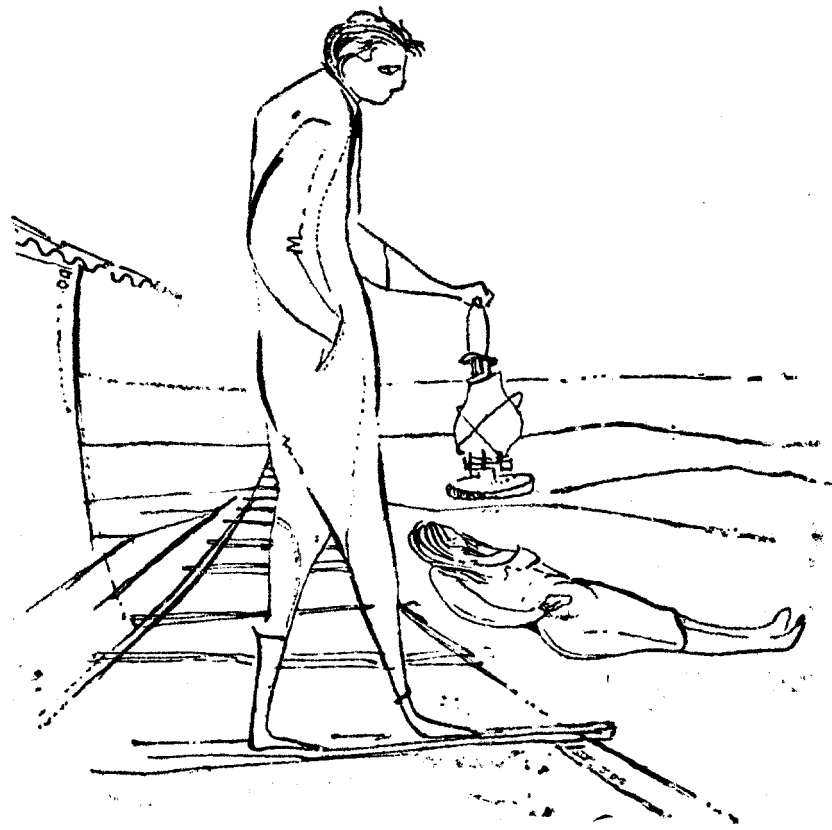
Começaram uns a limpar os olhos, como se quisessem afastar deles a imagem da moça morta. Os demais, sofridos e ofegantes, respiravam com dificuldade.

Se eram ridículos, não se poderá dizer.

Mas estavam sensibilizados, alheios à reclamação dos dançarinos exaltados pela bebida, que, apertando as damas, gritavam em ruidosa histeria:

- Toca! Toca! Toca!

Os Grandes Espantos ou Crime na Madrugada



Quando a madrugada se punha de fora, – naquele dia de agosto, que sucedia à noitada de festejos em louvor de Nossa Senhora do Carmo, padroeira de Pacatuba, – encontrou alguns habitantes do lugar entre alvoroçados e surpresos. Quem primeiro deu pela coisa foi o guarda-chaves, Amâncio Bentinho, que acordando cedo, diariamente, logo ia fiscalizar as agulhas do desvio ferroviário e dar outras providências na estação.

Àquela hora, estava o diligente funcionário público preparando a sua lanterna, quando, decepcionado, verificou que esquecera os fósforos.

– Diabo, inda mais essa!

Ao contemplar o céu escuro, mas tocado pela luminosidade do amanhecer, ele inteirou-se que o dia chegava. Se demorasse, poderia cair em falta. E ele não era de ouvir reprimendas de chefe.

Entrou a andar ligeiro. Mal caminhara meia quadra, estacou. Em frente ao armazém de cargas – que recendia a bacalhau ardido – estava um vulto caído ao chão. No primeiro instante, atinou que se tratasse de homem embriagado ou malfeitor tresnoitado. Todavia, ao aproximar-se não pôde reprimir a estupefação. Era uma mulher, de pouco mais de trinta anos. Ajoelhou-se,

como lhe mandava o santo respeito aos mortos, e se per-
signou respeitoso. Depois, errando a vista, o pensamen-
to aflito, procurou alguém que o acudisse. Mas a rua
sonolenta amanhecia sem vivência. Em desespero, vol-
tou-se para as margens da via férrea, esperançoso de
entrever os vendedores de banana-seca. Nenhuma sinal
destes. A casa do agente da estação – repararia cons-
trangido – continuava de portas cerradas, e nem na casa
do panificador havia luz.

Foi então que Amâncio Bentinho sentiu os cabelos se
ericharem; admitiu estar amedrontado. Passou a mão pela
barba aparada, e abrindo a boca, quase a gritar, olhou
novamente a rua deserta, de ponta a ponta. Viu apenas o
armazém da ferrovia, soturno, como um paredão fincado
na escuridão. Sem mais controlar-se, explodiu:

– Socorro! Aqui, gente! Aqui!

O vendeiro da esquina, que asseava o rosto àquela
hora, correu à porta, e avistou Amâncio Bentinho à meia
distância, de mãos erguidas, junto do que podia ser um
embriagado largado ao chão.

– Que houve, criatura? – perguntou aflito.

– Venha cá! Socorro!

– Estará doido?! Carece um escândalo desse? – res-
mungou o outro. – Me espere, que vou já!

Duas ou três janelas se abriram. Caras estre-
munhadas, arrancadas ao sono farto, surgiram curiosas;
como moscas varejeiras grudaram-se no suspense do diá-
logo que se travou entre os dois.

– É embriagado?

– E eu sei? Pra mim é uma mulher assassinada!

– Assassinada? – admirou-se o vendeiro.

– E, se duvidar, a faca!

– Pois acenda o farol!

Amâncio Bentinho não tinha fogo, explicou. Exatamente por essa circunstância é que solicitara auxílio.

O vendeiro riscou um fósforo e se acertou rápido. De sinaleira acesa, então, puderam ver o rosto da mulher que parecia dormir profundamente. A luz verde do farol conferia-lhe um tom irreal, esquisito, como se tivesse sido fígada do lodo de um tanque e abandonada entre eles. Parecia um estranho e repulsivo peixe.

- Direitinho a filha do Manduca.

- Não sei... espere... - Vacilava o outro. - Pra mim é a namorada do Chico do Cosme.

- Do Chico do Cosme? - Admirava-se. Não o conhecia.

Alguém, se aproximando, concordava. Era a pequena do Chico. Desde menina - acrescentava, - a moça trazia a sina má de quem vai se perder na vida. E em tom de censura:

- O destino é ingrato, principalmente quando a mulher... Isto é...

Que pretendia aludir com o ar reticente atrelado à frase mastigada? Seria a moça uma dessas criaturas que se atiram à maldade humana por desejo próprio?

Nisso pensava o guarda-chaves, de farol erguido outra vez à altura do peito, a contemplar a morta que os parecia vigiar com os seus olhos vítreos.

- Você a conhecia, Liberato? - perguntou.

O homem a vira várias vezes na avenida, à hora da retreta. Esclarecia para pasmo do guarda-chaves: - Leviana, atirada! Depois de namorar a todos, por último se enrabichara pelo Chico do Cosme.

- Não estou lembrado dele.

Um gorducho tomou a frente do bando. Chico do Cosme - principiou a dizer - logo que chegou a Pacatuba apaixonou-se pela moça. Tentação do demônio, pois não!

A donzela sabia cativar. Tinha uns olhos, uns peitos! Que fartura de carnes!

- 'stá aí em que deu a fartura! - comentou Amâncio Bentinho, coçando com insistência a ponta do queixo. - Homem raparigueiro quer isso mesmo!

- Claro! Desencaminhou a moça e não quis se casar com ela.

Concordaram os demais. Mestre Pedro entendia que o desalmado, ao saber eu a mulher engravidara, resolvera assassiná-la.

- Destinação de canalha! Numa hora dessa dá até vergonha a gente dizer que é homem!

Amâncio Bentinho fazia-lhe coro:

- Precisa ser esfolado vivo!

Retomando a palavra, continuava o mestre:

- É assim. Quem não tem princípios cristãos, age como selvagem. Se queria as delícias da carne, que procurasse as mariposas do Alto-do-Bode. E não se aproveitar da inocência da moça.

- Passa da conta!

- É de se desprezar! - respingou Liberato que, há minutos, intentava entrar na conversa. - Afinal de contas não se podia esperar coisa melhor dele. Vivia por aí, de boteco em boteco, tomando cachaça!

O sacristão, que ia abrir as portas da igreja para a primeira missa do dia, correu a saber o que se passara ali. A sua voz suspeita, em falsete, sublinhava-lhe a emoção;

- Nossa mãe de Deus! Não me digam!

Vexado, queria ver as feições da morta:

- Anda, "seu" Bentinho, bota o farol na moça!

A luz verde avivou novamente o rosto da mulher sob geral estupefação. O grupo aumentara. Seriam ago-

ra sete ou nove homens ao redor da vítima, a disputar informação.

A penumbra, as palavras proferidas à meia-voz, os comentários discretos, os fósforos que se acendiam, aumentavam o mistério e os espantos do estranho crime.

- Hum! Logo vi! - exclamou o sacristão.

- Logo viu o quê? - perguntou Liberato.

Sem responder, o outro se aproximou do cadáver; tinha os olhos arregalados. Chamando a atenção dos circunstantes, com o exagero que armava, explicou:

- Eu em que desconfiava! Ela estava em falta com Deus.

Uma voz - seria a de Liberato? - destacou do escuro:

- Devia ser negócio de menino...

O sacristão ergueu a mão, a impor silêncio:

- Meu amigo, vamos com mais calma. É preciso respeitar a morta. Afinal de contas não estamos aqui para detratar dos infelizes. Eu sei tudo, mas só falo se prometerem não passar adiante...

Era de ouvir-se voar uma mosca.

Liberato, então, tentou consertar a situação:

- Ora, rapaz, estamos todos em família. Eu não falei por mal. Afinal, somos amigos...

O sacristão, nervoso, insistiu:

- Olhe, antes de mais nada, é preciso ter respeito! Até peço a respiração quando vou contar certos segredos... - Fez uma pausa. Vendia-se caro. - Não, o melhor que faço é silenciar.

- Tolice, homem! Conte!

- Diga logo tudo! - pediam.

- Se é pecado, é pecado de todos nós.

E, de voz pausada, ele principiou:

- Não faz três dias, eu estava apagando as velas do altar, quando uma mulher entrou na sacristia. O padre

Romão dizia-lhe exaltado: “Não pode! Que vergonha para a minha diocese!” Eu então fui guardar as toalhinhas, só para ver quem era.

Parou, a perscrutar o efeito que o lograva em cada um. Depois, grave, acrescentou:

– E sabem quem estava com o padre? Ela. Pelo volume da barriga, via-se logo que tinha vendido a honra.

– Ah! – foi geral o pasmo.

Um cavalheiro, chamado Cazuzza, demorou a vista por sobre os ombros daquela gente. Queria também inteirar-se do que ocorrera, pois chegava agora. Amâncio Bentinho, que não cedia a primazia em primeiro lugar, tomou a frente do grupo:

– Quem fala sou eu! Fui eu que vi a moça mortes antes de todo mundo.

Apontando o cadáver com a mão, anunciou:

– Ela estava grávida. Foi contar tudo ao padre, pedir perdão. Mas o namorado que a infelicitara, esperou-a aqui, depois da meia-noite, para matá-la.

– Estava grávida mesmo?

– No pensamento do “seu” Liberato, com mais de seis meses.

– Não parece!

– Mas está! É porque mulher é assim mesmo.

– O nome do assassino é Chico do Cosme – acudiu o sacristão.

– Chico do Cosme? Ah, então foi ele que passou por mim, há pouco, montado num cavalo preto. Ia fugindo o condenado! Batia no animal sem dó nem piedade.

Compenetrando-se, Liberato lembrou:

– O que fazíamos de mais juízo era mandar avisar o delegado.

Descendo da alimária, Cazuzza ajuntou:

- desesperado como vai é capaz de matar mais alguém.
- Verdade! Verdade! - confirmaram todos.

Se não me engano - começou uma voz aflautada - vi também esse tal Chico do Cosme. Ele tinha bigode? Era baixo?

- Pra mim, daquele tamanho é alto - afirmou Liberato.

- Que nada! É baixo.

- Ou alto ou baixo, é ele mesmo. Quem não conhece o Chico do Cosme? Era ele!

Cazuza apontou o cadáver e já uma voz, vinda de detrás, indagou:

- O Chico ia casar-se com ela?

Riram-se alguns. Benzeram-se outros.

O sacristão empurrou Liberato, que queria ficar sempre adiante de todos, e esclareceu:

- Pra mim ela estava tentando um aborto!

- Não é possível! - admirou-se mestre Pedro.

- Ora, tudo pode acontecer. E nada deu certo, pois acabou assassinada com cinco facadas...

- Seis! - corrigiu uma voz.

- Cinco! - teimou o sacristão.

- Seis! Seis! - Amâncio Bentinho, queria alterar. - Eu contei! Quem chegou, primeiro aqui fui eu! Tinha graça! Agora todo mundo fala da morta como se soubesse de tudo!

Um velhote, que viera juntar-se ao grupo, comentou:

- Eu estava na minha mercearia, antes de sair, quando um desconhecido me procurou para matar-o-bicho. "Bote uma cachaça para mim, velho". Tive vontade de dizer que vinha pra missa, que era cedo... Afinal, resolvi fazer a caridade. Servi a bebida. Mas quando vi a mão do homem, manchada de sangue, estremeci. Criando coragem, lhe perguntou: "Meu amigo, que sangue é este?" E o finório, se perguntando em desculpas, expli-

cou: “Sabe, eu sou marchante... Acabo de matar um carneirinho...!”

– Vá ver que era o sangue dela! – arriscou alguém.

– Se era? Eu conheço sangue humano.

O guarda-chaves enfureceu. Inacreditável tudo aquilo! Não lhe entrava na cabeça que ocorrência tão desagradável, quão estúpida, não tivesse contado com uma testemunha!

– Mas ninguém viu o crime? Será possível?

Uma pessoa lembrou:

– O coronel Zequinha mora perto! Talvez tenha ouvido alguma coisa...

O coronel, quando apareceu mais tarde, não quis adiantar nada. “Não, não prestara atenção...” Mas premido pelos pedidos de informação, sob a emoção dos fatos que lhe eram sugeridos de todos os lados, principiou a ceder, enredando-se naquele clima de comprometimento geral.

À sua volta o grupo o encorajava:

– Vamos, coronel, nada de encobrir! Queremos saber tudo!

– Conte se ele bateu no rosto da moça!

– Vamos, coronel! Diga toda a verdade!

O homem relutava, nervoso. O que podia fazer? Contar como, se nada vira?

mas estimulado por tantos detalhes, movido pela solicitação dos amigos, rendia-se.

– Bem, eu... – Começou claudicando – Ele bateu na cara da mulher; vocês sabem. Foi violento naturalmente. Ouvi bem quando gritou irado que ela não passava de uma sem-vergonha...

– Isso! E os palavrões?

– Conte, coronel. Desembuche!

– Ora, numa briga assim, entre amantes, sempre acontecem exageros... – esclarecia.

- Vamos, conte!
- Encurtando, encurtando... Até de puta a coitada foi chamada.
- E desenlace?
- Ah, é impossível narrar tudo. Não vêm que eu estava dentro de casa... - Parou. Por pouco não lhes dissera que na hora do crime, dormia. - O certo mesmo, - continuou, - é que depois dos palavrões, ouvi o ruído da faca zunindo no ar, zás, zás.
- Virgem Maria! Por Deus! - exclamavam.
- Continue, continue... - pedia Liberato.
O coronel, quase sem fôlego, firmava os detalhes com exagero, a referir que a roupa da mulher, erguida na violência da cena, lhe deixara à vista as coxas grossas e tentadoras.
Convertido na palavra autorizada, empolgava-se:
- Esperem! Vão já ver! O pior vivia depois. Quando o Chico do Cosme viu a moça morta, meteu-lhe os pés na cara. Sim, é o que digo! Pé na cara! Só depois é que montou no cavalo...
- ... preto! - completou Liberato.
- Naturalmente! E disparou como se o remorso o perseguisse.
Cazuza retomou as rédeas do animal que, impaciente com o vozeiro, queria arredar-se. Acalmando a alimária - "Te quieta, bicho... Basta, fasto..." - voltou a disputar a atenção da roda.
- Confirma-se tudo! Não lhes dizia? O homem do cavalo preto, está visto, era o Chico do Cosme.
A zeladora da igreja, recém-chegada, não continha o assombro:
- É crime de morte? Por que foi?
Amâncio Bentinho ergueu o farol, solene, vincando de luz verde as feições da morta. E esclareceu: - Repara bem, Maria do Carmo. É mais um caso de amor perdido.

- Ah! - penalizou-se a zeladora. - A filha do Zé Rodrigues. Conheci muito o pai dela. Era barbeiro e puxava por uma perna.

- Veja se lembra quem namorava... O Chico do Cosme?

- Ele mesmo. Tenho certeza.

- Pois matou-a com cinco facadas.

Amâncio Bentinho irritou-se: - Arre, já vão diminuindo as facadas outra vez! Seis, pessoal! Seis!

Cel. Zequinha, limpando o pigarro da garganta, pediu silêncio para concluir:

- Pra mim, meus amigos, o crime foi premeditado. Premeditado!

A zeladora concordava:

- Estou aqui com o coronel. Ouvi certa vez esse Chico do Cosme ameaçar a moça... E não era de brincadeira, que aí está a coitada morta!

Nisso, ouviu-se um apito fino, prolongado, estacalhando a madrugada que se esvanecia. O relógio da prefeitura dava as horas.

- Deus do céu! - alertou-se Amâncio Bentinho. - É o trem que chega e eu não estou no meu posto.

Escapuliu ligeiro, de farol à mão, a espalhar chispas vermelhas e verdes pelo caminho. Não transcorreu mais que um minuto, já o holofote poderoso da locomotiva, se aproximando, iluminou aquele fim de noite.

Sob a luz projetada destacaram-se os homens apreensivos, a mulher morta e o cavalo impaciente que batia com os cascos no chão.

O armazém de cargas, até então soturno, revelou-se na claridade.

Foi quando, erguendo a vista, Cazuza descobriu a figura de um homem a se anichar em seu telhado. Mal entendendo o susto, que lhe apressou as batidas do coração, largou um grito que reboou pelo pé da serra:

- Lá está ele!

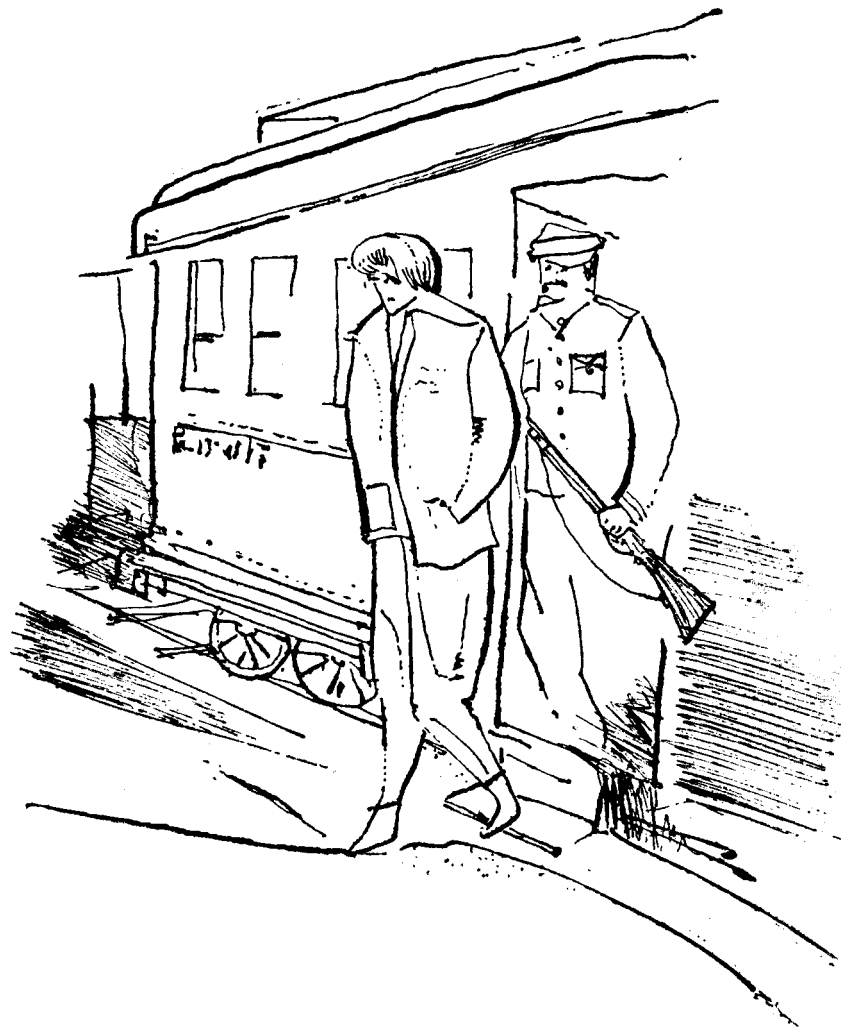
Como desaparecem todos uma assombração, arrancaram dali, alvoraçados, aos berros:

- É o Chico do Cosme! O Chico do Cosme!

O desconhecido, que estivera a ouvir toda a conversa, mais que depressa escorregou até o chão. Sem perda de tempo foi agarrando o cavalo que os bisbilhoteiros o haviam deixado, e, se montando nele, abalou célere.

Enquanto fugia, convenciu-se de não ter assassinado a moça. Como os outros, imaginava seriamente que o criminoso haveria de ser mesmo o tal Chico do Cosme.

0 esperado



– **U**m dia, quando ele voltou, vocês verão!

O velho ergueu as mãos calosas, espalmadas exageradamente, e, numa pausa que decorreu sem pressa, contemplou os amigos e parentes que se reuniam no terreiro da casa, após as obrigações do dia. Ezequiel era seu nome, mas na intimidade chamava-se Ezel; havia sido prefeito do município, depois de ser vereador e presidente da câmara. Agora, aposentara-se da política... Chegava aos sessenta e seis anos. E os que o viam, pela primeira vez, não lhe davam tanta idade. Aparentava boa saúde, embora fraquejasse e a dispnéia o acometesse nas noites de calor.

– Vocês verão! – repetiu.

Jamais desprezara a reunião dos amigos, aquele prazer de falar a todos com a autoridade de sua vida, de mãos espalmadas, os gestos compridos e dramáticos.

– Eu sei que existem os pessimistas. Mas ele voltará.

O filho fora-se havia anos. Sumira-se da noite para o dia sem deixar rastro nem caminho. O que seria hoje. Motorista? Embarcadiço? Teria sentado praça no Exército? Ninguém poderia saber se acabara cabo, sargento, capitão. E o velho Ezel, com a exagerada previsão dos pais, figurava-o na galeria dos personagens importantes, preparando-se anunciava, para regressar ao seu convívio.

- Volta, sei que volta. Claro que não quer aparecer de mãos abanando.

Alguém comentou:

- Estranho. Tanto tempo ausente sem dar uma notícia!

- Astúcia dele! Sempre foi manhoso - dizia. E punha-se a rememorar fatos. Talvez os inventasse.

- Mas é um mistério.

- Que mistério. Então não se pode ficar longe de casa, dez ou quinze anos? Cearense é assim mesmo. Meu irmão foi para o Amazonas e demorou tanto que minha mãe até missa mandou rezar em favor da alma dele. Um dia, depois de quase vinte anos, o safado apareceu todo lampeiro.

- Reforçando o seu ponto de vista: - José voltará também.

Traído pela idade, a respiração difícil, recostou-se á parede. Ninguém mais falou. Temiam que sofresse um colapso. E o velho, com os seus olhos de conta de vidro, não percebia que os amigos se afligiam pela sua saúde. Estava outra vez, como tantas já fizera, visualizando o filho, forte e importante, de viagem marcada para o esperado regresso ao lar. Penetrava-lhe nos ouvidos o estrugir dos foguetões, girândola após girândola, e era capaz de escutar o vozerio das moças assanhadas pela perspectiva de um bom partido... Lembrou-se, então, do sermão do vigário, ouvido havia tempo. José era como o filho pródigo... Ah, como se sentira feliz ao abraçá-lo de volta!

- Tome o café "seu" Ezel! - Era a voz de Vicentina, que lhe oferecia a xícara. Ele estendeu a mão para recolhê-la. Enquanto saboreava a bebida, tomando gosto, comentou:

- Vocês não sabem o que é ter um filho ausente. Vão desculpando, que o jeito é ouvir conversa de pai besta.

Houve um silêncio. Um galo cantou distante dando horas. Mas ninguém ousou falar. Que podiam dizer diante de um pai que morria de saudade?

Ezequiel era árvore da terra; tinha profundas raízes nela. Nunca conseguiram que se arredasse dali. Por isso mesmo não compreendia por que se fora o filho, deixando-o de coração partido. Àquele dia, antes de servirem o café, havia procurado desculpá-lo. Não partira porque desgostasse os da terra! Pelo contrário, era amigo de todos! Mas vissem, compreendessem; um homem ambicioso gosta de procurar o futuro em lugar distante. Como a fortuna não se faz da noite para o dia, é preciso tempo, que várias luas apareçam no céu...

- Está ficando tarde, gente. Vamos embora.

Aquele silêncio cheio de saudade acabou-se com o arrastar das cadeiras. Os vizinhos se levantavam para sair.

- É cedo! Esperem pelo cafezinho... Vicentina vem aí - insistia o velho.

Circulava a bandeja, pela quinta vez. O café saboroso desprendia aroma. No íntimo, a empregada tinha vontade de protestar aquelas reuniões que freqüentemente passavam de meia-noite. Mas desencorajava-se diante do prazer que Ezequiel experimentava. Os amigos, a conversa frívola, o faziam feliz.

- Bom, disse alguém, acabando de beber o café - agora vamos, que é tarde.

Já estavam todos de pé, tentando vencer a resistência de Ezel, que insistia:

- Vou ficar magoado! Isso não é coisa que vocês façam, como se estivessem menino novo em casa.

Vicentina interveio:

- Que é isso "seu" Ezel?! O pessoal precisa ir pra casa. Eu estou com sono e tenho muito o que fazer amanhã.

Riram-se todos. Quando se distanciaram, Ezequiel confiou à preta velha:

- Vicentina, você fez mal enxotar os meus amigos. Não está direito.

Ela deu um muxoxo:

- Olhe, o senhor pode se danar, me botar pra fora, mas saiba que isso lhe atrapalha. Vamos entrando, que o ar da noite está frio. É capaz de não dormir direito hoje...

Adivinhara. Ezequiel ficou deitado na rede, horas a fio, sem conciliar o sono. De quando em quando, tossia, controlando o acesso, para que Vicentina não viesse brigar com ele. A imagem do filho, a testa larga, os cabelos pretos, cortados à escovinha, não lhe saía do pensamento. Ah, se ele voltasse? Que alegria não lhe dava!

O desconhecido apresentou-se. Chamava-se Mascarenhas e queria avistar-se, sem demora, com o dono da casa. Vicentina, que o recebera à porta, fê-lo entrar.

- Tenha a bondade, senhor. Vou chamar o patrão.

Indo ao corredor, alteou a voz:

- "Se" Ezel, tem um cidadão querendo falar com o senhor.

O que chegara ficou de pé, as mãos cruzadas para trás, correndo a vista pelos retratos emoldurados. Tantos! - admirava-se. Em vários reconheceu o filho do dono da casa.

- Aquele menino vestido de marinheiro e o José - perguntou.

- Sim, senhor. Foi no dia da primeira comunhão. A farda é a do Cruzador São Paulo.

- Hum...

Ezequiel surgiu no corredor. Trocadas as apresentações, o velho mal podia conter-se de alegre. Ansiava por saber porque o outro viera à sua casa, se a visita tinha alguma comunicação importante do "querido filho"...

Vicentina dizia:

- Deixe ao menos o homem se sentar, "seu" Ezel!

- Que se sente, pois não!

Mascarenhas arreou-se numa cadeira. Vieira – começou a dizer – especialmente para comunicar que o rapaz...

Ele interrompeu-o:

– Um momento. Não me conte tudo de uma vez. Adoro as surpresas. – E com a voz nervosa – Meu coração de pai nunca se enganou. Eu sabia que meu rico filho haveria de voltar.

Voltando-se para a preta velha, pediu:

– É hora de festejar! Traga aqui o vinho do Porto, o da garrafa grande.

– Não há necessidade, meu senhor – começou o estranho.

– Há, eu sei que há.

Vicentina saiu da sala. Ezequiel esfregava as mãos, feliz. Reincetando a conversa, ávido por notícias:

– Sabe se juntou dinheiro? Se está rico?

Mascarenhas não tinha a menor idéia.

– E prestígio? Não me diga que não se tornou importante! Tinha tudo pra isso.

– Eu... – outro não sabia por onde começar.

– Bom, se não quer contar tudo, não conte. A surpresa é sempre mais agradável. Compreendo a sua boa intenção.

Serviram-se do vinho que lhes trouxera a empregada. Ezequiel não parara de falar. A todo instante, referia-se ao filho. De pé, com o dedo em riste, apontava os retratos que ornavam a sala. E sem dar tempo ao outro, ia nomeando as ocasiões que ensejaram tantas fotografias.

– Este, por exemplo... – discorria – é do dia em que o rapaz foi recebido pela Congregação Mariana. Aquele – assinalava o retrato seguinte – marca a sua chegada, voltando de férias.

Depois de uma pausa, tomando a respiração:

- Este é o maior de todos! Fotografia de pic-nic, veja! Ele é o rapaz elegante, de boné listrado! - Completando as informações: - À sua volta, gente boa. Filha de doutor, de juiz, de prefeito...

- Era estimado, não?

- Estimadíssimo. E lhe digo mais: nunca viu por aqui moço igual.

Houve uma pausa. Mascarenhas tentou recomeçar:

- Bom, talvez seja melhor eu dizer que... - O velho não o deixou prosseguir:

- Não, isso não Quero a surpresa! E mexendo as mãos de contente - Aceita mais vinho? Seria um prazer servi-lo outra vez...

Mascarenhas levantou-se. Não repetia. Tenha pressa em partir.

O velho não escondeu o pesar: - Ora, mas se demorasse... como seria bom!

- Infelizmente não posso. Compreenda.

- Tenho tantas perguntas! Tantas!

- É impossível, já disse. Preciso ir.

- Que pena.

- Também considero assim.

À porta, apresentou-lhe as despedidas. Não sabe como pôde controlar-se, não confiar ao outro o motivo que o trouxera ali...

Não teve coragem.

Sem mais nada dizer, abalou amargurado.

No dia em que chegava o filho de Ezequiel, a manhã corria cheia de encargos. Vicentina aturdiu-se com os bolos que metera ao forno para assar e acudia o velho, a todo instante, que queria saber se tudo estava normal.

- Avisou o juiz? E o delegado? É preciso não esquecer o delegado, mulher!

A coitada, desalinhada, aborrecia-se:

- Seu Ezel, deixe-me em paz! Não vê que tenho de cuidar do forno? Claro que já levei os recados, todos...

- E as cervejas?

- Que cervejas?

- Ora - impacientava-se o velho - você estará pensando que vou matar de sede os meus convidados?

Ia-se para voltar logo depois cobrando outras providências:

- Convidou também as filhas da Cotinha? E a banda de música? Tocará o *Saudades de Minha Terra*? Me emociona tanto esse dobrado!...

A velha aquiescia. Tudo diligenciado conforme ele pedira. Mas que a deixasse em paz. Assim não podia vigiar o forno, preparar os pastéis...

E nesse atropelo correu a manhã. A tarde transcorria fria, com o sol a se esconder nas nuvens.

Às quatro, Vicentina acompanhou o velho à porta. Ficou-o espiando afastar-se importante, metido na roupa de casimira com que tomara posse, há anos, na Prefeitura. Os amigos, iam-no parando pelo caminho parabenizando-o pelo regresso do filho:

- Festão, hem? Até valeu esperar tanto tempo!

E ele confiava:

- Coração de pai não se engana. Eu sabia que o rapaz voltava.

Outro, adiante, curioso:

- Já sabe a hora exata do trem?

- Está sem atraso. Acho que daqui a pouco... - Ficou à escuta, ouvindo o rumor do trem, distante.

É ele! Está chegando!

Houve ainda tempo para um cigarro. Ficou nesse, porque logo a locomotiva se aproximou, correndo rente à

estação até imobilizar-se por completo, deixando solto no ar um ruído de ferros e engates.

- Acende os foguetes! - comandou Ezequiel, mal contendo a alegria.

O fogo incendiou a pólvora; estalaram foguetes. Moças, alinhadas pelo passeio, batiam palmas, os olhos fixos nos carros de passageiros. Desatou-se, de repente, um vozerio dissonante:

- Está no primeiro carro! - falou alguém.

- Aposto que vem no segundo! - disse outro.

- O pilantra, na certa, está no carro-restaurante.

- É aquele de cinza?

Não era. Nem o outro, de azul-marinho.

Agora a multidão deslocava-se de um para o outro lado dos carros.

- Aparece já! - trovejou alguém.

Não apareceu.

Um descrente lembrou:

- Será que não veio?

- Era esperado hoje.

- Então, sai agora!...

- Lá, aquele!

Não era. Vicentina, que viera também receber o rapaz, já não continha as lágrimas. As moças, em voz alta, corriam de carro em carro a apostar quem haveria de contemplá-lo em primeiro lugar.

Ezequiel sofria. Suava frio, nervoso, corre para cá, corre para lá, sem ver o filho. "Meu Deus, onde se meteu esse menino?"

Imensa a consternação que nascia na multidão. Seria falsa a notícia do regresso de José?

Decepção e choro, incontrolláveis, cresciam no burburinho da estação. Ezequiel continuava aflito, senti-

do o coração descompassar-se. Entretanto, não se desamarrava da ilusão:

- Eu sei que ele veio!

Um amigo o amparou:

- Que é isso?! Acalme-se, vamos procurá-lo direito.

- José chegou... Eu sei... Deve estar escondido. - E gritando, de voz rouca - Apareça, meu filho! Assim você me mata!

As moças começaram a bradar também:

- José! Você mata seu pai! Apareça, José!

Não aparecia.

De repente, ecoando sobre eles, o ruído do sino anunciou a partida do trem.

Ezequiel desesperou-se:

- Não, pelo amor de Deus, não! Não deixem o trem largar!

Queria que o chefe da estação detivesse o comboio.

Com soluços na voz, explicava:

- Não deviam fazer isso comigo! Já fui prefeito desta terra! Mandem o trem esperar. Meu filho precisa descer.

Vicentina, incontolando as lágrimas, dizia:

- Acalme-se, patrãozinho de minh'alma!

- Venha, meu filho! Apareça!

Houve um estremezimento metálico seguido de apito rouquenho, prolongado. E a composição pôs-se em movimento, vagorosamente.

Ezequiel, sem se conter, tremia. Os amigos mais íntimos acorreram à sua roda, tentando reconfortá-lo. Por isso, não notaram o homem magro e abatido que se apressava em descer do trem, acompanhado de um policial. De pé, na plataforma do carro, como se visse um mal presságio na banda de música que não tocava, indagou curioso:

- Que é isso? Festa?

Alguém respondeu:

- Era... Ia chegar o filho do “seu” Ezel, moço importante.

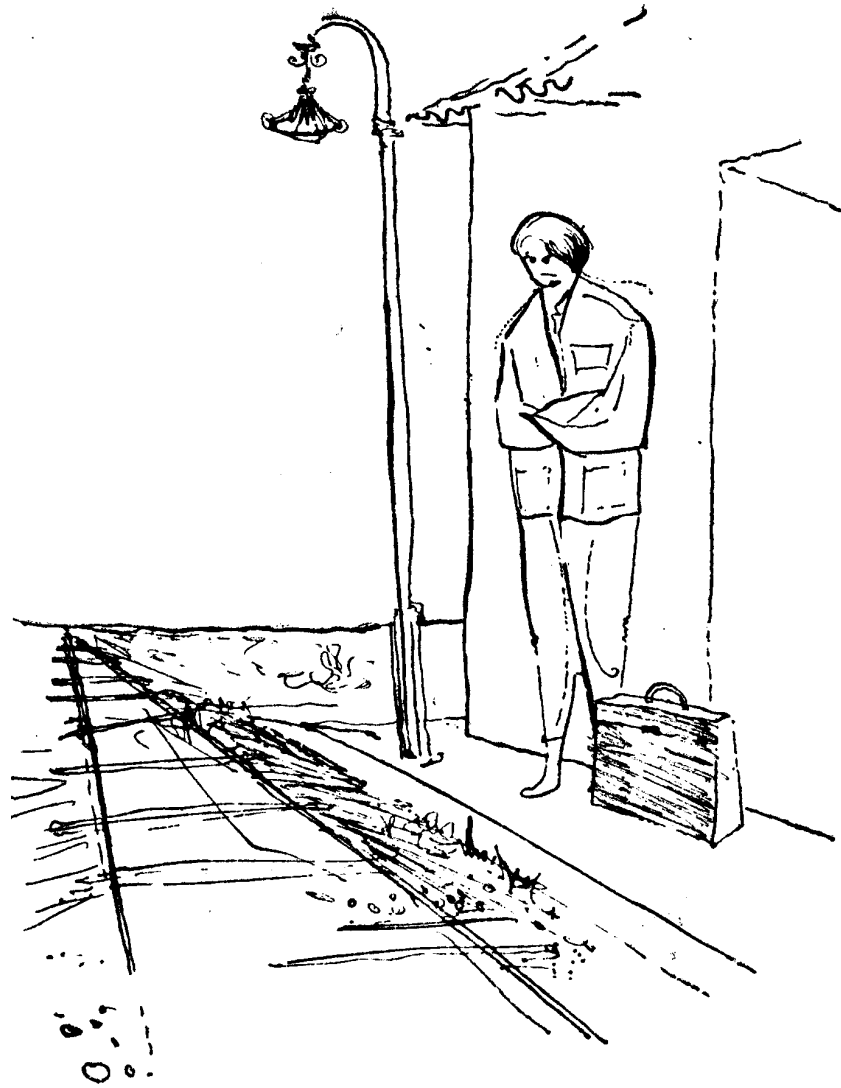
Estacou no último degrau do carro, agarrando-se ao balaústre de ferro, para não descer.

O trem, já em marcha, começou a deixar para trás a estação, a banda de música silenciosa e triste, a multidão decepcionada pela festa que não houve.

- Desce! Desce! - acudiu o policial, nervoso - é pra saltar aqui! Desembarca!

Tudo em vão. Não seria daquela vez que ele haveria de voltar.

Regresso sem fim



Fazia quantos anos? Vinte?

Contou-os mentalmente, ajudando-se com os dedos, a correr os da mão direita sobre os da esquerda, repetidas vezes, até completar o que considerava dezenove anos e dez meses de Amazonas. Dizia logo vinte anos, o que lhe parecia uma eternidade.

– Vinte anos!

Todo esse tempo distante de Pacatuba! E para obter o quê?

Ele mesmo dá a resposta: – nada! Reunira apenas o necessário para regressar, pois tudo não passara de um grande sonho da juventude.

Pensando certo, admite ter sido traído pela floresta, enganado por todos, principalmente pelos seus propósitos. Agora, vê claro, se houvesse ficado em Pacatuba, teria ganho dinheiro e até mesmo conquistado mulher bonita que o regalasse na cama.

Afunda-se no banco do trem; recosta-se à janela. O que lhe interessa é a volta, chegar quanto antes à sua cidade. Pacatuba jamais lhe deixara o pensamento... À noite, no seringal, ao ouvir o esturro das feras inquietas na floresta densa, acovardava-se. Nem parecia o homem corajoso que se acostumara a caçar de noite, sem receio de

cobras. De uma feita, na Serra da Aratanha, fora laçado por uma serpente. Livrou-se da bruta, sabe Deus como, pinicando-a com a ponta da lambedeira.

No Amazonas, quase se findara de tédio. Vinte anos, há, vinte anos estirados!

Mas mesmo assim, em hora alguma, esqueceu os amigos de Pacatuba, o “Seu” Mundico, alegre e desempenado, que jogava gamão a atirar os dados sobre o tabuleiro, gritando: “Eia, gente, eia, gente!” E dona Mirtes? Em que se estaria ocupando agora a mulher mais bonita de seu tempo?

Recorda os seus cabelos compridos, tão bem tratados, lisos e perfumados... Quantas vezes não a contemplara, à janela, vendo enxugá-los ao vento! Quantas! E que inveja sentia do vento!

Dona Mirtes é casada com o chefe da estação, o Pedro Alcino de Menezes Cunha, mais conhecido por Pedrão. Um grande asno! Tão preocupado com o seu ofício, naquele cuidar de trens, que lhe faltava tempo para admirar a bela esposa... que os outros não se poupam de requestá-la.

De resto, os da cidade, inclusive ele, Arindo, supriam essa deficiência conjugal. Os comentários maliciosos ficavam nesse guardar que a cautela faz devoção, à idéia de que d. Mirtes não se enfeitava apenas para o Pedrão. Outros, também felizes, gozavam-lhe as enxúndias.

Arindo remexe-se no banco. Alcança outra posição, os olhos fechados, sonolento. “Ah, vinte anos, uma eternidade”.

E as duas vitalinas que na vida só tinham aprendido o caminho da igreja? Chamavam-se Creuza e Valéria. A crônica provinciana dava-lhes pelo menos cinco excelentes pretendentes, inclusive um caixeiro-viajante, do Rio de Janeiro, todos obstinadamente recusados como convém a quem se guarda para a felicidade celestial.

Iam e vinham, às madrugadas, da igreja para casa, numa jornada cautelosa, como se esperassem encontrar Nosso Senhor disposto a convidá-las para o céu. Por isso andavam limpinhas, de branco, como duas pombinhas...

Arindo estira as pernas... Quanto tempo ainda vai demorar? Consulta o relógio de algibeira, a fazer cálculos sobre o percurso a vencer. A composição diminui a marcha, geme sem afã. Tão diferente dele – imagina, que está louco por sair dali, à pressa, e reencontrar os velhos amigos! Ah, Creuza, Valéria, Mirtes, Mundico...

Acende um cigarro. Não entende porque está-se achando propício a confidências. Que vontade de dizer ao companheiro de cadeira, que está morrendo de saudades... Mas o vizinho, de má catadura, não lhe dá a menor atenção. Será que não haverá outro?

Contempla os passageiros. Conservam-se todos calados, retidos em seus lugares. Ninguém o encoraja a perguntar quantas mortes, quantas festas, que fatos verdadeiramente importantes houve em Pacatuba. O silêncio de confessorário, cortado pelo ruído do trem, que salta pela janela de vez em quando, enerva-o.

Apanhou a bolsa de viagem. Estão nela os anéis, os punhais, os amuletos e cheiros que comprara em Manaus para os amigos. Iam todos saber que não era homem de esquecer os mais íntimos. Fiel, sempre fora aos amigos. Até para o mestre da Banda, o cabo Francisco, escolhera algo de muito bom gosto. Nenhum dos velhos amigos ficará de mãos abanando. Todos estão ali, no limite de suas poses, convenientemente lembrados.

Deu uma palmada na testa.

– Céus! – falou consigo mesmo – Será que esqueci o Aparício?

Era o dono da Padaria. Fazia umas bolachinhas salgadas recomendadas às mulheres, tanto que quando estas apareciam mais cheias de corpo, o povo comentava:

– É hora da bolachinha!

Arindo esfrega as mãos, a rir. Aquele excelente panificador não fora esquecido. Quem, se não ele, contava as mais divertidas anedotas de português e papagaio? Um número, o Aparício! Onde estaria agora? Por detrás do Balcão da Padaria, olhando as bolachinhas, vigiando-as ao forno?

O trem apitou na curva. Pela janela, Arindo avistou a locomotiva resfolegando, a avançar sem grande pressa. Ia imaginar o que podia estar acontecendo, quando outro apito, desta vez mais estridente, arranhou o ar; e o trem abalou mais lépido.

– Pra fente! Pra frente!...

Murmurava baixinho, achando que era aquilo que a máquina dizia. Ah, a linguagem das máquinas! Nesse trem, ele começava a encontrar novamente a infância distante. Lembrava-se, agora, de uma locomotiva barulhenta que passava por Pacatuba, falando grosso:

“Café com pão, bolacha não!

“Café com pão, bolacha não!”

Larga-se outra vez para o passado, e é ele que ali está, sorridente e mais moço, em nome da cidade, a arrematar uma galinha assada e seis garrafas de cerveja...

“ – Quem dá mais? Quem? Ninguém se habilita? E seu Arindo? Não vai comer galinha?”

– Cem mil réis!

– Vamos, seu Arindo – era a voz do Dedeco, o leiloeiro – não é possível o senhor deixar um estranho arrematar a galinha! Vamos, crie coragem, homem! É uma galinha baita e seis cervejas!

- TREZENTOS MIL RÉIS!

Fora um escândalo. Aquele lance apressado, de voz decisiva, fez época. Tornou-se o comentário obrigatório em todas as rodas. Nunca se vira, por ali, coisa igual. Tudo por causa, logo o povo começou a imaginar, da rainha do partido azul, a doce Ludmila, filha do tabelião, que estava para noivar...

- Trezentos mil réis...

Relembra. Foi o seu maior gesto por conta de um simples capricho. O galináceo, pensando bem, valeria no máximo uns cento e vinte mil réis. Mas, de qualquer maneira, fora divertido bancar o jovem importante.

- Paaacatuba!

Era o chefe do trem. Esclarecia numa voz fanhosa:

- É demora de dois minutos. Dois minutos! Pacatuba!

Arindo ajeitou-se no banco, antes de levantar-se. ia enfim ao encontro de suas mais queridas emoções. Enquanto se compunha para o desembarque, imaginava o pasmo dos amigos à sua espera. O cabo Francisco – cabo ou sargento? – estaria com a banda de música alinhada na estação, esperando que ele descesse? E as duas vitalinas? E o Aparício?

Apertou o laço da gravata. Puxou o paletó, que agora lhe parecia curto.

E d. Mirtes? – falava para consigo mesmo – ainda teria os cabelos compridos? Como estaria? Gorda? Emagrecera? Sorriu... Gostaria de encontrá-la na estação. Ela fora sempre o seu fraco, a sua perdição...

Houve um forte choque de ferros até o trem parar de todo.

Do lado de fora, os meninos desatavam pregões:

- Banana seca!

- Mariola!

– Pão-de-ló!

Arindo teve vontade de correr à porta do carro, jogar-lhes algum dinheiro, dizendo: “Tomem” É o Arindo que chega, rapaziada!” Mas reprimiu a idéia. Preferível castigar os amigos, fazê-los esperar, pensando que ele perdera o trem.

Principiou a rir. Aquilo ia ser uma peça bem pregada!

Mas irritou-se. Porque não rompia já o dobrado? Foi à janela do trem, segurando a bolsa de viagem; olhou para fora. Não viu os músicos. “Ei que história é essa? Será que me enganaram?! Mas logo pensou que os amigos deviam estar escondidos atrás da estação. Ah, os tratantes queriam surpreendê-lo! Figuinha para eles!

Puxou outra vez o paletó. “Estaria mesmo curto?” De repente, vexou-se. Ouviu o toque da sineta anunciando a partida do comboio. “Céus! É preciso descer!”

Encaminhou-se à porta do carro. Os amigos talvez estivessem pensando que ele perdera o trem. Enganavam-se! Iam encontrá-lo vivo da silva, morto de saudades, louco por abraçar a todos!

Desceu à plataforma da estação, enquanto a composição rolava, troando.

Enfim, chegara. Cerrou os olhos à espera de que o viessem cercar aos gritos de “viva o Arindo!”, ou que logo estalasse os foguetes ou a banda de música, esfuziante, tocasse. Aguardou um instante, alguns segundos mais. Por que demorava tanto? Arriscou um olho, abrindo-o vagarosamente. Ninguém. Não havia ninguém ali.

Que teria acontecido? Onde andariam os seus velhos e queridos amigos?

Abriu o outro olho. Viu o nome da cidade no alto da parede, o letreiro antigo faltando um pedaço do P. Em nada se modificara a cidade naqueles vinte anos, pôde obser-

var. Pelo menos o casario não aumentara e a praça, em frente, não mudara. O capim, como antigamente, vicejava nela, forte, clorificado. Bois e cavalos pastavam livres.

E os amigos? Por que, álacres, não apareciam?

Andou até a extremidade da calçada e deu uma volta completa ao edifício, desconfiado. Não avistou nenhum amigo. Só viu estranhos, feições fugidias, observadoras.

Falou consigo mesmo, convencendo-se:

- Mas eu mandei um telegrama para cada um! Para cada um!

Foi ao *guichet* de passagens.

Um funcionário gordo, que devia ser o agente, veio saber o que ele queria. Cientificado, começou a elucidar:

- Pedro Alcino? Deixe-me ver...

Mordeu a ponta do lápis.

- Já sei. Foi transferido para Senador Pompeu. É o agente de lá.

- E o "seu" Mundico?

Fazia calor e o homem, respirando forte, tentou outra vez lembrar-se. Mas em vão.

- Sinto muito, mas não tenho a menor idéia.

Arindo esclarecia:

- Um que joga gamão dizendo "Eia, gente, eia, gente!"

- Não, senhor. Não sei mesmo quem é.

- E as duas vitalinas?

O funcionário se descobriu num gesto demorado, respeitoso. Sustentando o quepe na mão, acrescentou, percebendo que o seu interlocutor era estranho ali:

- Amanheceram mortas as coitadinhas, faz seis anos.

- E balançando a cabeça, pesaroso - Uma tragédia pra Pacatuba! Que tragédia!

- Pelos céus! - Alarmou-se Arindo. Se não tinha mais o velho Pedrão à frente da estação da RVC, equivalia dizer

que d. Mirtes fora embora também. Não, com essa não contava! Mortas, mortas as vitalinas!

Principiou a temer outras respostas despropositadas. O coração apertava-lhe no peito, e, ainda assim, arriscou a última pergunta:

- O cabo Francisco continua na banda?

- Banda? Banda de música? - O funcionário começou a rir. Depois, passando o lenço pelo rosto suado: - Acabou-se! A moda agora é um serviço de alto-falante. Quando chega uma pessoa importante, o locutor faz a saudação e põe a tocar uma música qualquer. Pra mim, acho melhor. É mais animado.

Arindo tomou o ar com dificuldade, sugando-o, como se fosse entalar. Uma coisa esquisita apertava-o, tirando-lhe o fôlego. Olhou para o chão; viu a bolsa preta de viagem que guardava os presentes escolhidos com tanto amor, e principiou a sentir raiva de ter voltado do Amazonas. O funcionário ainda se conservava atento, esperando outra pergunta. Como Arindo não o interpelasse mais, pediu licença e foi atender o telégrafo. Depois, calmo, começou a correr as janelas do prédio, enquanto outro auxiliar, a lhe seguir os passos, empurrava os ferrolhos, batendo-os com uma tranca.

Tudo igual ao passado: a chegada do trem, o ajuntamento de curiosos, o ruído da sineta, o telégrafo dando informações sobre a partida da composição, aquele fechar de janelas, a tranca. Apenas o homem gordo não era o amigo Pedrão que lhe concedia o privilégio de, às escondidas, ler com ele o segredo dos telegramas cifrados.

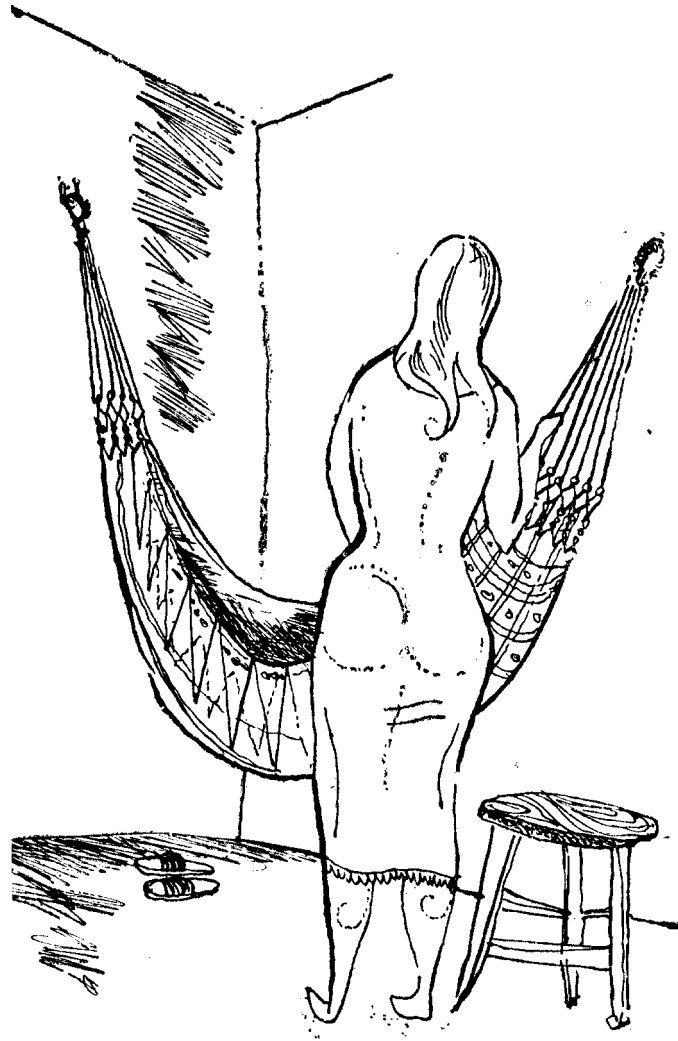
Nos poucos minutos que demorou na estação, encheu-se de acerbidade. A cidade que tanto amava, transformara-se em um casario impessoal e distante, irreconciliável com a sua saudade. Ele viera atrás de outra coisa, reencontrar amigos e alcançar nestes o seu passado. Mas tudo em vão.

Quando o chefe da estação cerrou a porta principal, ele desarvorou-se; era um náufrago largado numa ilha deserta.

Com a voz trêmula, de quem acaba de sofrer um grande vexame, simplesmente perguntou:

– Por favor, a que horas passa o primeiro trem de volta?

Presente para Mariana



– Mariana!

A mulher, na cozinha, soltou o alguidar; limpando as mãos úmidas na saia listada, foi atender o chamado do marido. Este, de pé, amanhado numa roupa de riscadinho, ia tomar a condução que o levaria a Fortaleza.

– Já vai? – perguntou ela. – Deixe-me ver o seu jeito...

Ah, disse, reparando de longe – até parece gente!

– Acha que vão pensar que sou matuto?

– Tolice! Você está com cara de doutor?

Ele riu. Consultava:

– Que presente quer ganhar?

– O que você trouxe...

– Dê uma sugestão. É melhor.

Ela vestido... um enfeite... tudo serve.

– Será um destes.

Abriu-se nu sorriso largo, feliz, e se encaminhou à porta. Ela ficou recomendando. Tivesse cuidado, não se metesse com estranhos. E esperou, à janela, que o ônibus partisse, e que o marido lhe estendesse a mão, acenando.

Josa ia fazer a sua primeira viagem de compras a Fortaleza. Mentalmente, enquanto o carro avançava pela estrada, fazia projetos. Se as coisas lhe corressem bem, voltaria daí por diante, todos os meses, à capital. Cansara-se de

pagar caro aos atravessadores. E se queria mesmo pensar no futuro da família, tinha que fazer economia.

- O senhor tem fogo?

Ele se assustou. Era o vizinho querendo fumar. Alcançou no bolso a caixa de fósforo. Deu-lha. O outro acendeu o cigarro, e, devolvendo-a, perguntou:

- Vai fazer compras?

Contou que ia, enquanto o companheiro de banco se admirava. Era inacreditável! Não podia crer que houvesse ainda alguém por conhecer Fortaleza.

Josa desculpava-se:

- Sou muito caseiro, doutor. Vivi para a mulher e os filhos.

- Qual! podia dar um passeio, trazer a esposa consigo, os meninos!

- E o dinheiro, doutor? Dinheiro não cai do céu! Só eu sei o duro que dou para amealhar alguma coisa.

Sentindo-se mais à vontade, contou em que se ocupava, como fizera economias àquele ano. Começara plantando na serra, em terra arrendada. Ultimamente, com o dinheiro que juntara, comprara um lote até crescido... Eram cento e trinta braças de frente, por noventa e duas de fundo.

- Grandezinha, hem? - brincou o outro.

- Pois é. Plantei, enfiei a enxada pra cima, limpa aqui, limpa acolá, e quando o inverno passou, tirei saldo. - Fez um gesto de quem ia bater com a mão no bolso da calça, onde trazia o dinheiro, logo se arrependeu. O companheiro de banco adivinhou-lhe o temor. Por isso disse:

- Não se vexa por mim. Mas é bom ter cautela. O senhor é um cidadão de bem intencionado e o mundo está cheio de intrujões.

O passageiro se dava a conhecer. Era tabelião em Baturité, tinha uma filha casada em Fortaleza. Todos os

sábados, descia para passar o domingo com ela. Se Josa ia fazer compras para casa, tecidos, por exemplo, dava-lhe um endereço que vinha a calhar.

- Será ótimo. Assim, não perco tempo.

- Pois é, - continuava a explicar - Você vai ao Armazém Paraíso, perto do mercado. O dono é um sujeito excelente, compadre do meu sogro. Gente de linha, comerciante que paga todos os impostos...

A paisagem, lá fora, abandonara o verde dos campos pela policromia do casario. Penetravam no bairro residencial mais importante. Dali a alguns instantes - continuava o tabelião - chegariam à agência do ônibus.

- Que cidade! Se continua crescendo assim, passa do Recife!

Josa não podia conter a admiração:

- É grande mesmo!

- Que lhe parece? Eu exagerava?

- Não, senhor! Nunca pensei que fosse assim!

O ruído aumentava. Carros buzonavam constantemente. De dentro das lojas derramava-se a música dos últimos discos.

- Vamos chegando! - anunciou o outro.

Nisso, o ônibus encostou ao meio fio. Josa, já de pé, olhava para fora, admirado dos prédios enormes que descobria. E sem poder reprimir a alegria e o espanto que nele se geravam, falou alto, marcando a satisfação:

- É muita cidade!

Todo mundo riu. Um gaiato, que chegara para carregar a bagagem dos passageiros, comentou:

- Tem beradeiro aqui, gente!

Ele não deu confiança. Alvoraçado, foi o primeiro a se apeiar.

Andou pelas ruas, como tonto, aos encontrões, achando tudo diferente. Ah, se sua terra fosse assim!

Pasmava à contemplação dos carros velozes que passavam, das pessoas que, à pressa, iam e vinham sobraçando embrulhos. De onde saíam? Para onde se encaminhavam?

Andou ao longo das vitrinas, curioso, percebendo surpresas a cada passo. Fosse contar aquilo aos amigos, e eles tomá-lo-iam por mentiroso! Mas qual, o que lhe fazia falta agora mesmo era a mulher! Com ela o medo se acabava de vez. Ele podia andar à vontade.

Às onze, enfiado, resolveu descansar as pernas. Dirigiu-se ao primeiro bar que encontrou. O rapaz que lhe veio atender, inquirido por ele, explicava paciente a direção do armazém Paraíso.

– Basta o senhor caminhar mais um quarteirão. Entende? É o primeiro, logo adiante.

Ele tinha medo de errar. Confessava: – Não, não conheço a cidade.

– Não erra não! Vá sem susto.

Bebeu a batida de maracujá, a vagar, tomando gosto, espiando os que passavam lá fora.

Quando o moço veio recolher o copo e receber o dinheiro, repetiu-lhe, delicado, a informação:

– É logo adiante. Não tem errada.

O sol desabava quente, mormacento. Sentiu-se no corpo, através da roupa. Por isso desabotoou o paletó, a refrescar-se, e seguiu direto ao armazém. Afinal, todo o seu pessimismo já agora estava fora de propósito. Até ali só encontrara pessoas que o queriam obsequiar.

Enrolou o fumo preto na mortalha de milho e acendeu o cigarro. Sem se aperceber, entre um pensamento e outro, estava diante do número que procurava. Parou, a consultar o endereço. Não havia dúvida. Era ali mesmo.

O caixeiro que o atendeu à porta cheio de ademanos, passou a explicar que o patrão saíra para o almoço, mas voltaria logo mais.

Josa relutava sem saber o que fizesse. Mas o vendedor, de olhos vivos, animava-o:

– Ora, não seja por isso! Faço as vezes do patrão! Entre. A casa é sua.

Ele se movia lentamente, arrependido, pensando voltar mais tarde.

– Pode confiar, meu senhor. A casa é honesta – insistia o caixeiro.

Sobre o balcão, sem que Josa pudesse impedir, o empregado apeava quase todo o sortimento de uma prateleira.

– Veja, examine! Botamos tudo nas suas mãos. Se quiser, desmanchamos as prateleiras! O estoque fica no chão, contanto que o senhor se agrade.

– Não carece...

– Carece!

E o rapaz logo atirou outras peças de fazenda sobre o balcão.

– É riscadinho que deseja? Ou prefere brim?

Josa tocou numa fazenda de listras cinzentas em fundo branco. Agradava-se dela; seu forte era mesmo um riscadinho... O caixeiro estimulava-o:

– Se quer este, pode dizer. Não se discute o gosto!

– Não sei...

– Tiro os sete metros?

– Não senhor. Seis metros e duas quartas.

– Leve os sete! A diferença é por conta da casa. Não precisa pagar. – Apanhou o metro. Antes que ele dissesse mais alguma coisa, abriu a peça, que lhe rangia nas mãos, e foi medindo... – É barato ou não é?

Josa sentia-se já à vontade. Entrou a comprar, satisfeito com o tratamento que recebia. Depois de atendido, lembrou-se:

- Com que, tem ainda o presente da mulher!

Debruçou-se sobre o balcão.

- Me diga, que tem você aí que se possa dar de presente a uma mulher? - Acrescentou sorrindo - É pra minha esposa.

O caixeiro coçou o pescoço, tomou o ar pelo nariz, enquanto corria a vista pelas prateleiras.

- Tem uma porção de novidades... - Ia dizendo. - Tanta coisa, medalhas, cordões, enfeites...

- Quero um bom regalo! - estimulava Josa.

O comerciário teve a idéia safada de empurrar-lhe uma sombrinha, posta de conta por um freguês, mas se arrependeu. Penalizava-o a figura simplória do sertanejo. Decidiu-se honestamente:

- Já sei. Leve um porta-jóias. É novidade chegada agora.

Foi apanhar a caixinha no outro balcão. Mostrando-a, de volta, dizia:

- É necessária numa casa. Então, para mulher... Serve para guardar um cordãozinho de ouro, um anel... Josa interessava-se:

- Vem mesmo de encomenda! Imagine, minha mulher tem tudo isso, cordão e anel de ouro. Faça-me o favor de embrulhá-lo à parte.

- E as compras freguês?

- Vão numa caixa... Pode mandá-la para o ponto do ônibus? Todo mundo me conhece na Agência.

- Não há dificuldade nenhuma. É o que vou fazer.

- Olhe, não vá errar. - recomendava - O meu ônibus sai para Baturité. É o segundo. O primeiro vai só até Pajuçara.

- Sim, senhor.
- Quer dizer que posso ficar tranqüilo?
O caixeiro levantou a vista, quase aborrecido:
- Não há perigo. Fique descansado. Temos um perfeito serviço de entrega.
Antes de sair, Josa indagou do rapaz:
- Onde se bebe uma cervejinha por aqui?
O outro pensou um pouco. Depois, com certa malícia, ensinou:
- Vá à pensão... É a terceira casa, à esquerda. Vale a pena. O ambiente é seleta. Esta hora, não tem ninguém por lá. Bebe-se mesmo à vontade...

Entrou no edifício; começou a subir a escada. Reparou que havia frases escritas pelas paredes... Adiante, na curva da escada, uma mulher agarrada a um homem, beijava-o com sofreguidão...

Alcançou o andar superior. Correu a cortina de fios, que fez ruído como um pandeiro, e se encontrou numa salinha pintada de vermelho. Mulheres peitudas decoravam o ambiente. Havia uma, de seios provocantes, desenhada no calendário da cerveja "Preferida".

O moço do bar veio atendê-lo.

- Quero uma cerveja bem gelada! - pediu.

- É um instante. Pode abancar-se

Sentando-se, explicava:

- Lá fora anda calor desgraçado!

Reparou o homem retirar a garrafa do congelador, apanhar o copo e voltar à mesa.

- Isso aqui já prestou - disse. - No tempo dos americanos, foi o melhor cabaré do Ceará. O femeiro, nem é bom falar. Cada mulher de encher a vista! Hoje tudo mudado. O dólar saiu do mercado, foi-se a guerra...

Referindo-se à cerveja que Josa experimentava:

- Está a seu gosto?

- Bem geladinha! - Estalou a língua, degustando-a.

Bebeu o primeiro copo. Se o rapaz não continuasse falar, até que lhe servia o ambiente. Poderia fazer as contas, colecionar o troco na carteira e aguardar a hora do ônibus.

Tomou outro copo, confirmando o paladar: - Boa!

Deitou as notas de compras, sobre a mesa. Falava baixo, pouco audível.

- Vinte e dois, mais cinco, mais setenta e três, mais quarenta e nove...

- Agüenta outra garrafa, chefe?

- Agora não - E continuando - Mais vinte e três, mais dez...

- Boa tarde, querido - disse-lhe uma voz feminina.

Ergueu a vista para responder, mas atrapalhou-se, sem saber o que dizer. De onde saíra aquele mulherão de voz macia e perfumada?

- Posso sentar ao seu lado bem? - continuou ela. Aquiesceu.

Ela o examinava. Estava-o achando exageradamente simplório. Observou o suor gotejar-lhe da testa morena: as mãos rudes, indecisas, sobre o papel. Que fazia? Uma conta?

Não esperava isso. Deixara de sair à, certa de lhe vir às mãos um homem de dinheiro, pelo menos um velhote rico. E era um matuto, que lhe tocara...

- Zé - falou a mulher - traga também uma cerveja pra mim.

O rapaz serviu-a. Ao destampar a garrafa, gozou-lhe o embaraço. Talvez até dissesse consigo mesmo: "Esta Rosita quer ser boa demais, veja aí o que achou..."

Josa, tímido, alheava-se á rapariga. Estava tentando a soma da última parcela, obter o total dos gastos.

A mulher experimentou a bebida e depois falou:

- Está preocupado, querido?

O silêncio que se armou entre os dois, estirou-se, vagaroso, até finar-se.

Depois de um momento, ele disse:

- Acho que errei.

Ela puxou a cadeira, juntando-se a ele. Os seios tocaram-lhe o braço.

- Você vem de fora? - perguntou.

Ele confirmou, limpando o suor da testa. E, sem saber onde botar as mãos, afastou-se dela, pretextando apanhar uma nota que escorregara para o chão. Ela, mais rápida apanhou-a. Ele viu-lhe os seios, quase por inteiros, mal contidos no decote.

- Aqui tudo é diferente - começou a dizer. Na minha terra, me acredite, dona - falava num sussurro, como se confidenciasse - as senhoras não bebem cerveja. Provam licor, uma coisinha. Nem se vestem assim, isto é, como a senhora. - O dedo calejado apontava-lhe o decote provocante.

- É mesmo?

Ela se surpreendeu num vago gesto de pudor há muito esquecido, e logo procurou esconder os seios que provocavam.

- É o que lhe digo... - Tornava ele, de voz indecisa. - Nunca pensei que uma madame tivesse coragem de andar assim. Só mesmo moda de capital!

Ela, que não sabia o que dizer, vacilava:

- Então, eu... eu...

- Me desculpe, mas quero ser sincero. Uma senhora de suas prendas, tão bonita, não devia! Por menos disso, meu tio malhou a mulher dele!

- Santo Deus! Uma barbaridade!

- Que barbaridade! Foi muito bem feito.

Gerou-se uma pausa no assunto. O silêncio, estendendo-se tedioso, meteu-se entre os dois. A cerveja que escorria dos copos traçava na mesa um desenho complicado.

Josa, com os dedos, empurrava o líquido em movimento contínuos, como se aquilo o divertisse. Depois, sentindo a enormidade do silêncio, começou a explicar que ia levando um presente para a esposa, um porta-jóias.

Descobriu a caixa, para que a mulher o admirasse.

- Que tal? É lindo, não é?

- É... - falou ela sem muito gosto. Sinceramente, achava-o horrível, vulgar e sem utilidade. Mas contendo-se arriscou:

- Será que a sua esposa vai mesmo se agradar dele?

- Vai! Minha mulher tem jóias, poucas, mas tem.

- Bom, sendo assim. - E depois de um momento, dando também para espalhar a cerveja na mesa com os dedos:

- Faz tempo que se casaram?

- Faz... Dez anos, quatro meses... Deixe-me ver. E dois dias.

- Casaram-se lá?

- Foi. Camentão feito pelo reverendo Climério!

- Quantos filhos já têm?

- Três. O mais velho está em idade de ir para o grupo. O ano passado, quase vai a pique. Apanhou um sarampão bruto!

- Que coisa!

Ele, então, perguntou:

- E a senhora, é casada?

Ela ficou indecisa, sem saber ao certo o que responder. Afinal, desabafou. Era triste a sua voz...

- Já fui casada, mas hoje nem sei o que sou na vida.

- Coitada.

O seu enternecimento foi tão sincero que assustou a mulher. De verdade, estava a ponto de chorar. Era uma bobagem, sabia, mas fazia tempo que não se emocionava... E se dizer que isso lhe vinha agora, à conversa de um matuto...

Josa, ausente aos sentimentos dela, tentava recompor o embrulho, arrumando-o.

- Deixe-me ajudá-lo, - ofereceu-se a mulher.

- Ora, é muito incômodo...

- É um prazer - insistiu.

Pediu ao rapaz do bar que lhe trouxesse um fitilho azul. Estavam em cima da cama... - explicou.

Enquanto o "garçom" esteve ausente, a mundana ajeitou a tampa do porta-jóias, com cuidado, como se o presente lhe pertencesse. Sentia-se, sem saber porque, parte da felicidade daquele homem que pretendia homenagear a esposa com uma lembrança de sua primeira viagem à cidade. Quando o moço voltou com o fio, já ansiava:

- Vai ficar lindo, aposto!

Ele torcia, admirado:

- Vamos ver, vamos ver!...

E ela, tomando a palavra:

- Agora, aceite um conselho. Leve o presente para a sua querida mulherzinha e nunca mais entre em casas como esta, nem para beber uma cerveja. Um homem respeitável, como o senhor, não demora nesses ambientes...

Ele olhou-a; considerava-se encabulado. Não sabia o que lhe dissesse. Finalmente, apertando as mãos, nervoso, murmurou:

- Havia o calor, sabe... E eu queria descansar.

Pegou o corpo e bebeu o resto da bebida. Como nada mais houvesse a referir, ou porque se sentisse embaraçado, chamou o rapaz para que lhe trouxesse a conta. De pé, após pagar a despesa, apertando o porta-jóias na mão, despedia-se:

- Foi um prazer conhecê-la. Está convidada, um dia, a ir conhecer minha família. Vai gostar do meu pessoal.

- Obrigada.

Josa curvou-se todo, reverencioso. À porta, deteve-se por um instante. Ia-lhe a vontade de dizer alguma coisa. Foi o que ela percebeu. E para ajudá-lo em mais essa situação constrangedora, acudiu:

- Fale, pode falar.

Ele estava relutante, embaraçado:

- Bem, a senhora me deu um conselho. Não se zangue, agora, pela paga que lhe dou.

- Eu não! Fale.

- Falo mesmo?

- Fale!

- Olhe, quando for me visitar, tenha cuidado para não andar se encostando nos braços de estranhos, ouvi? - A voz saía-lhe vagarosa, difícil - Na minha terra, as senhoras não chamam os homens de "bem" nem de "queridinho". É tratamento de... - Após uma pausa - Digo?

- Diga... Ela tremia.

Ele baixou a voz e lhe segredou ao ouvido:

- De rapariga...

Sem esperar por nada, afastou-se até alcançar o corrimão da escada. Deu em descer, numa vontade de fugir, de se esconder.

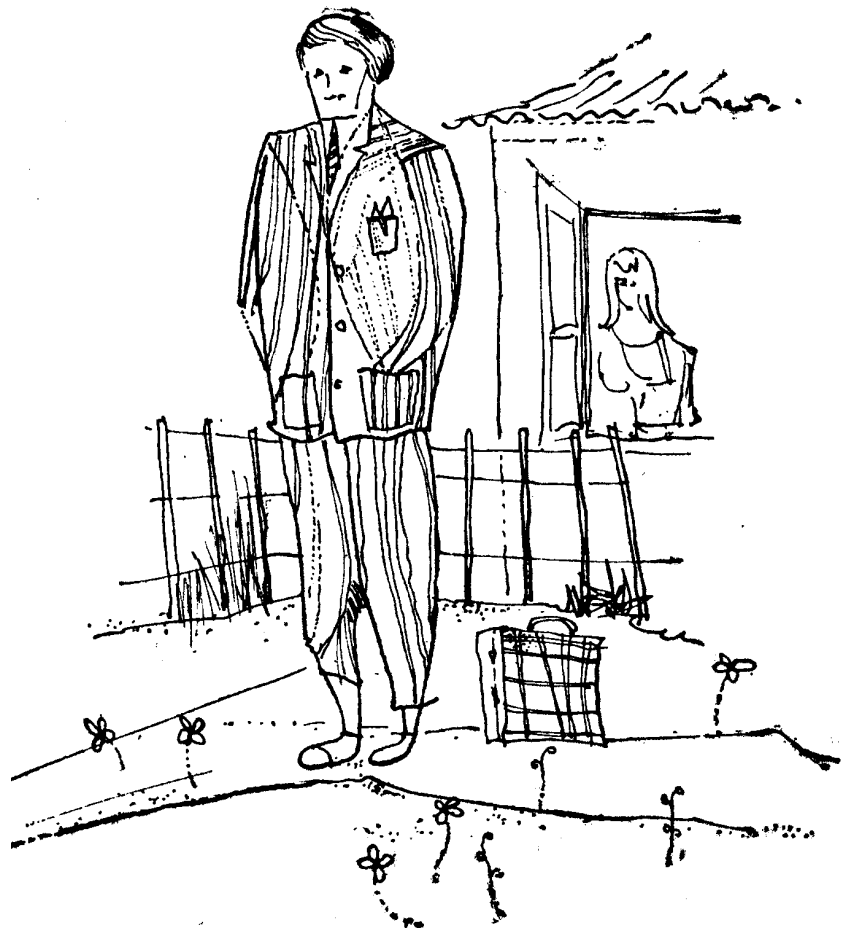
Rosita mal podia reprimir a emoção. Com dificuldade, chegou à janela que dava para a rua, esperando vê-lo sair lá fora.

Não demorou, seus passos soaram na calçada. Responsável, ele apertava debaixo do braço o porta-jóias de sua querida Mariana, esposa de dez anos, quatro meses e dois dias.

Assobiava.

E a prostituta teve a impressão que aquele som impreciso não saía dos lábios do homem, mas da criança que ainda vivia nele.

Noite sem paisagem



Cesário bateu o cachimbo no portal da janela; meio distante do mundo, mas atento ao seu trato da terra, demorou a vista na plantação vigorosa que fizera às margens do rio. Soprou o cachimbo e com o mesmo ar distante, mas muito seu, ficou-o castigado na palma da mão. A mulher, que o acompanhava de soslaio, teve vontade de falar, mas esperou que ele mesmo lhe pedisse a opinião.

Não demorou.

– Você acha que ainda vai chover?

Ela suspendeu o espanador. Na fração de instante em que o reteve no ar, contemplou as plantas bem nascidas, abeiradas ao córrego; lá estavam duas ou três nuvens escuras, de torre, no nascente. Mulheres batiam roupa em cima das pedras. Meninos descuidados, dois ou três, corriam sobre os barrancos.

– Diga o que você acha. – insistiu ele.

– Bom, eu acho que pode chover. Deus é quem manda.

Ela esperou que o marido se aborrecesse, repetisse outra vez que “mulher não entende de inverno”. Desta feita, entretanto, ouvi-o simplesmente ajuntar:

– Pra mim, não chove mais.

Via também, como ela, agora, as mulheres lavando roupa, o riozinho descendo sem muita água, o milho pon-

do-se taludo, o arroz viçoso em tempo de abrir o pendão. Chove nada, repetia para consigo mesmo. Se voltasse a invernã, não ia prestar. Na verdade, ele está precisando apenas de duas ou três pequenas chuvas. Um temporal, àquela altura, será desastroso.

Reparou as nuvens pondo sentido nelas.

Isaura fitava o horizonte: a mancha de céu azulado que se estendia cobrindo o Serrote da Vaca Magra e a Várzea do Bolão, passando sobre o monte, a espetar-se adiante nos mandacarus agrestes. E aquelas nuvens?

- Hum... - murmurou o marido. - Vai chover, eu sei!

- Chove não, Cesário. Tenha fé em Deus.

Ele debruçou-se por sobre o peitoril da janela. Sempre acontecia aquilo. Quando já contava com o lucro da safra, o tempo mudava. Se não havia a praga de lagartas, a queima do algodão, era a chuva repentina, fora de propósito. Se as coisas seguissem, como pensava, sem atropelo, teria quarenta sacas de arroz em casa... dez sacas de feijão, sem contar com quase uma tarefa de batatas...

Voltou-se para Isaura. Ela contemplava-o penalizada.

- Então? Que diz você?

- Eu sei, marido?

- Com todos os diabos! Você nunca sabe nada! - irritou-se.

- Mas não sei!

Ele parou no meio da sala, irritado, e atirou a mão pesada, forte, sobre a mesa.

- Não, não deve chover! Se chover, me arrebento. Não vê que preciso pagar o financiamento do Banco, que tenho de ir à capital fazer compras?

Encheu o cachimbo de fumo preto. Com o polegar, encalçou-o. Custou, entretanto, a reacendê-lo. Mas, baixinho, - isso ela podia ouvir - murmurava:

- Chove não... chove não...

De início houve um ruído de goteira em cima do guarda-comida, usual quando chovia forte. Aquele prof! oco, monótono, deu em crescer. Ao escutá-lo, Cesário adivinhou que a água caía sobre o móvel. Logo deslizaria pelo caibro até o canto da parede, por onde, silenciosa, alcançaria o solo, dando depois impressão de que nela se encostara um bicho para verter. Inquietou-se, entretanto, o outro plof, não bem um plof, mas um plat! repetido e que fazia anos não escutava. Sentou-se na rede; apurava o ouvido. Devia chover havia tempo, pelo menos há uma hora. O rumor que lhe chegava aos sentidos, transmitido pela goteira, era o de uma grande chuva a desabar sobre os campos, apressada, com vontade de transbordar o rio.

Saltou da rede. Seu coração não o enganava. Quando afirmava que ia chover, chovia mesmo. Preparasse os potes!

Calçou os tamancos, e, aos tropeções, arrastou-se à janela. A custo conseguiu abri-la. Pelo espaço aberto, sob o impulso do vento forte que malhava a chuva, nada pôde ver. Havia uma escuridão sem fim a apagar a paisagem. Pôs-se a escutar. O Riacho da Ribeira estava tomando água...

Fechou a janela; reprimindo a contrariedade, voltou à rede. Outra vez, com o pé no chão, voltou a embalar-se, sentindo o zozzo e a cabeça cheia de pensamentos sobre as perspectivas do tempo.

Isaura dormia. Podia ouvir-lhe o rressonar a alternar-se na pausa das duas goteiras. "Ah" - pensou - que vida folgada! nem sabe o tamanho do meu sofrimento, da minha inquietação!" Era injusto com ela, pois Isaura não dormia; fingia. Fora deitar-se, de coração opresso, a sofrer por antecipação. Não gostava de ver o marido receando o inverno, ou atarantado com a seca.

A rede parou de balançar. Cesário empacou, porque escutara um terceiro ruído dentro da casa. Desta vez, não se pode conter. A goteira assim nascida, que martelava o chão, impiedosamente, só surgia quando a chuva se transformava em temporal. Da última vez que molhara as panelas, o rio subira vertiginosamente, até alcançar o parapeito da ponte, danificando-a. Acendeu um fósforo, com dificuldade, transmitindo a chama indecisa ao pavio da lamparina. E contemplou essa goteira fria, vivaz, que descia gota após gota, sobre o trem da cozinha.

– Isaura! – vexou-se.

Ela ergueu-se da rede, lépida.

– Que é, homem?

– A chuva, mulher! A chuva!

Ela correu até onde ele estava, e abraçou-o. O seu coração batia forte, descompassado. Mal comparando, pensou, até parecia coração de passarinho.

A noite não corria; pregara-se no visgo daquela chuva sem tamanho, sem largura, sem pressa de acabar. O vento castigava o teto, encurralando a água nos cantos da parede. Hora houve em que a água, como cão medroso, buscou abrigo no interior da casa. Começou a meter-se pelas frinchas da porta, pela soleira, a escorrer até o meio da sala, alagando-a.

– Céus! É água demais! – sentenciou Cesário.

– Vou fastar ela com a vassoura – acudiu a mulher.

– Que vassoura! Tem que ser com saco de estopa!

A goteira da cozinha escorria para o chão, farta. Outra, na parede, descia um ruído grosso, diferente. Plof! Plaf! Pluf! Plaf!, alertando-se, misturando-se, confundindo-se às vezes. Mais duas ou três, abortadas repentinamente, derramavam-se sobre o piso, estralejando. À luz da candeia,

que se refletia vacilante no chão molhado, Isaura enxotava a água, tangia-a para o lado de fora contra a força do vento que parecia trespassar a porta.

- Aqui, ligeiro!

E, logo, gritando:

- Acode, deste lado!

O temporal, alheio a tudo, irrefreável, vagava no espaço.

- É bem três horas, não é?

Ela concordou, atarefada em empurrar outra vez a água que invadia a sala.

- Não tarda o dia... - comentou Cesário.

- Olha, outra goteira! Enorme!

Ficou parado, vendo a esposa correr para retirar da parede o retrato de casamento.

- Molhou? - perguntou.

Ela fez beicinho de quem e vai amuar.

- Estragou? - tornou o marido em voz sumida.

A mulher balançou a cabeça. E segurando a saia passou-a sobre o rosto deles dois, tão risonhos, tão felizes, naquela lembrança do dia feliz.

- A gente manda ajeitar depois. Conheço um homem que retoca retrato - justificou-se ele, amenizando a situação.

- É... eu sei.

Cesário foi à janela; abriu-a novamente. Impossível enxugar algo naquela fuligem diluída na chuva. Tentou defender a chama da lamparina com as mãos, ver se a sua luz vacilante alcançava uma distância qualquer. Mas tudo foi engolido pela noite negra e úmida. Quando o vento não apagava a luz, era a vez da chuva, impertinente, a impedir-lhe escutar as trevas. Houve um instante em que pensou regougassem os bichos.

- Tem animal morrendo - balbuciou.

A mulher largou o retrato.

- Que idéia, homem. Tem não!

- Quer ver, escute.

O silêncio, que fizeram juntos, não bastou. A chuva desabara mais forte, castigada pelo vento.

- Vá dormir, Cesário. Tu assim te acaba!

Não ia. Estava pensando nas plantas, nos seus bichos. Isso o maltratava. Já não considerava o prejuízo que poderia ter com o temporal. Impressionava-se, agora, com a criação...

- De manhã, a gente vai espiar - dizia-lhe a mulher.

- De manhã?! Queria ver agora!

- Mas não pode! Não vê que é impossível?

Ele se levantou para abrir a porta e ir lá fora. Isauro conteve-o.

- Ai, Jesus! Isso não!

- Me deixe!

- Está doido? Deixo nada!

Vencido, cansado, o homem foi se sentar na rede. Encolhia-se nela, triste, perdido em si mesmo. Fitava e desfitava a lamparina. Queria ver o rio, a altura da água, descobrir se havia mesmo algum bicho morrendo. Aquele ruído de cascata, de água caindo com estrépito, era o riozinho engolindo ribanceiras, dismantelando o seu trato de terra, destruindo-lhe planos e sonhos.

- Diabo!

Ergueu-se. Esfregou as mãos, com ódio. Não, não podia nem devia ficar dentro de casa. Tinha de fazer alguma coisa, ir lá fora...

Isaura veio correndo, da cozinha, trazer-lhe o chá.

- Beba, é pra acalmar.

- Mas eu não quero chá.

- Beba, queridinho ... É de cidreira.

Ele bebeu-o. Depois reclamou:

- Que coisa quente! Queimei minha língua.

- Só serve assim. Agora, se deite... Você precisa dormir um pouco... Ande, vamos...

A voz mansa de mulher contrastava com a noite desarvorada. Nem sabe porque Cesário atendeu-a. Talvez lembrado dos bons momentos que viveram juntos, do pedido de casamento, de outras tantas recordações fagueiras que uma palavra, um gesto apenas, não raro é suficiente para reavivar a memória.

Rendeu-se sem obstinação.

E recostado, à vontade, cobrindo-se com as varandas da rede, foi-se alheando àquele mundo inquieto. Nem ouviu o que a esposa lhe dizia baixinho - "Tenha cuidado, homem! Vá dormir, vá serenar... - tocando a rede, pra lá e pra cá, num balanço gostoso, a niná-lo.

De manhã, mal abriu os olhos, Isaura correu à janela. Açulava-a a curiosidade de ver os estragos da noite que passara.

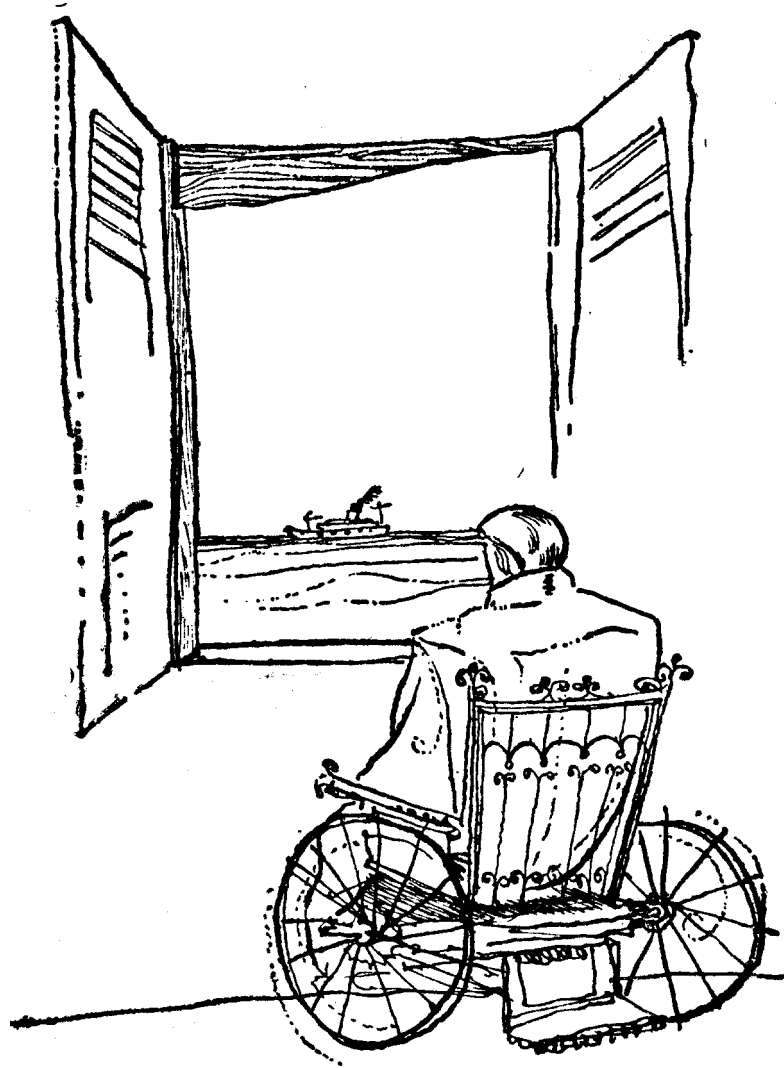
Meteu a vista ansiosa na paisagem dolorida que descobria lá fora. Acudiu-lhe uma estranha vontade de chorar, e por pouco não reprimiu um grito de espanto.

Afastou-se da janela, amedrontada.

Preocupava-se agora como arranjar uma desculpa, contando que o marido não se afligisse.

Cesário, prestes a acordar, mexeu-se de um para outro lado na rede funda. E ela, numa inspiração milagrosa, abalou-a novamente, tocando-a vagarosa. Cantava; uma velha canção de adormecer criança que parecia aquietar a natureza e o homem rudemente feridos pelo temporal que se fora.

O homem
que perdeu o mar



Policarpo ia virando a cadeira de rodas, vagarosamente, a contemplar o que para ele representava o seu mundo, o seu estado de espírito. Primeiro, avistava o farol do Mucuripe, ao longe, como sentinela perdida; depois, a imensidão do mar que se desdobrava agitado e convulso até serenar no porto. Neste arribavam as jangadas, nas tardes de janeiro, quando não podiam alcançar a Praia do Meireles. Além, – e para tanto bastava que ele manobrasse a cadeira para o lado direito, – seus olhos descobriam os coqueiros da praia, e sob estes os namorados felizes.

Deus o fizera encontrar uma casa situada justamente num ponto de onde podia continuar a desfrutar a sua paisagem. O destino, por assim dizer, antecipara-se à sua enfermidade, prevenindo não fosse demasiado tanto penar. Nem quer imaginar como se sentiria, se sujeito àquela imobilidade, não mais pudesse contemplar o mar, descobrir-lhe os encantos, ou nele se entranhar com toda a sede de aventura de que se nutre.

– Seu Poli!

Não respondeu à empregada, absorto nesses pensamentos, os olhos perdidos na vastidão atlântica, como um comandante de barco. Assim se imaginava, dando ordens, ativando a marujada intrépida nas providências de bordo!

Do jardim da casa, ele comanda o barco para onde o impellem o sonho e a fantasia. Larga-se para o Acaraú, e de lá regressa abarrotado de cavala e camurupim. Depois demanda o alto-mar, a desfrutar uma noite sob a luz das estrelas...

Sem mar, sem peixes, sem histórias de marinheiros briguentos e avinhados, ele não sabe se poderá viver.

- Seu Poli... - insiste a velha.

Virou-se atento à voz amiga, como se acordasse.

- Deus do céu! Só estando mesmo dormindo! - tornou a empregada.

- De fato, talvez estivesse dormindo...

Houve uma pausa, antes de ele explicar, se justificando.

- Você não sabe como é bom! Se não fosse a imaginação que tenho, que seria de mim, hem?

Estava fitando outra vez o mar, as jangadas que apontavam distante, imprecisas. Respirando forte, tomado de prazer, acrescentou:

- Aguarde um pouco. Quero ver o vapor da Costeira entrar no porto.

Ficaram ambos em silêncio. Os olhos da mulher procuravam o navio que chegava, paralelo à praia, como um brinquedo. O patrão, com a voz firme, ia-lhe explicando:

- Repare com que garbo penetra na barra. Vem certo, no rumo que traçou o práctico. Sei como se faz isso. Durante anos eu o acompanhei nesse mister. Ah, Chico Belarmino corajoso! Você chegou a conhecê-lo, não?

- Sim, sim...

- Sabia cada história de contrabando, até de muamba transportada em navio de guerra!

- Vamos jantar, patrãozinho...

- Espere. Quando regressei do Amazonas, fazia uma tarde igual a essa. Estava no convés, ansioso, louco para

ver Fortaleza outra vez. Sabe o que se avistava primeiro? O Morro do Moinho. Depois, o arranha-céu do Plácido.

Calou-se. Parecia amargurado, quando disse:

- Sabe Deus com que pressa eu queria que o navio atracasse!...

O silêncio pesava, enorme. Podia-se ouvir, distintamente, o ruído do mar. O homem estava comovido, adivinhou a empregada, e logo mais, com a voz embargada de emoção, pediu:

- Ande, me empurre. Ligeiro. Você está com razão. O jantar acaba por esfriar.

A primeira madrugada de maio transformaria a vida de Policarpo.

Este, ao acordar, sentiu a casa invadida de sons ásperos, estranhos. Caminhões ragedores - quantos seriam? esquentavam os motores, barulhentos, como se estivessem dentro do quarto.

Podia escutar nitidamente o movimento de rodas compactando o chão, num deslocamento brutal, com a descarga de material pesado, que logo percebeu tratar-se de pedra britada. Vozes deseducadas entrecruzavam-se distantes sobre o tinir de ferros e o matraquear de máquinas.

Alvoraçado, aluiu-se à altura da janela para ver o que acontecia. Defronte da casa, do outro lado da rua, caminhões aliviavam-se de pesadas cargas. Enganara-se quanto ao número de tratores, pois era dois, de esteira, afastando a aba do morro que dificultava o canteiro de obras. O vozerio nascia do grupo de homens que acabava de erguer enorme painel em que se lia: EDIFÍCIO BELA VISTA.

Policarpo estremeceu. Não necessitava de inteligência para compreender que lhe preparavam, a partir desse instante, odiosa concorrência. Alguém, igualmente enter-

necido pelo seu sítio, logo imaginara desfrutá-lo da melhor maneira, construindo um edifício de apartamentos. Pelo preparo do canteiro de obras, via a proporção do empreendimento, e por isso imaginou o incorporador, arrebatado pela beleza daquela paisagem, dizendo “Com um mês de propaganda, um mês apenas, venderei todos os apartamentos! É um achado, este panorama! Um achado!”

Quantos andares teria o prédio? Dois? Quatro?

Restava-lhe o pensamento de que o edifício não lhe roubaria a visão. Não queria ficar prejudicado. O prédio, por mais andares que tivesse, não deveria ultrapassar sua varanda e, reconfortado, pôs-se a imaginar que o investimento não fosse mais do que um golpe de incorporador desonesto aplicado nos ricos.

– Tem que ser assim... – murmurou.

Não se contendo. Margarida veio saber também o que era aquilo. Perguntava:

– É casa? O que é?

Ele assentiu com um gesto de cabeça. E logo esclareceu: – Um edifício de apartamento.

– Ah... aquelas casas trepadas! – exclamou.

– Exato.

– Quantas cabem ali?

– Dez... vinte... não posso saber.

De repente, a voz de mágoa e de susto da empregada:

– Meu Deus? Será que vão tapar a vista do senhor, seu Poli?

Não pôde responder. A voz engrossou-lhe na garganta, cheia de saliva e dor. Precisava ter forças para não demonstrar fraqueza. Não queria que a empregada lhe notasse a atarantação na prova realmente forte que enfrentava. Um marinheiro de tradição não se entregava! Reagiu. Empurrando a voz pela garganta, livrando-a da insegurança, respondeu:

- Tolice, não vão tapar nada! Não tem quem me tire o mar, Margarida.

Não teria mesmo? Graças a Deus a mulher retirou-se para o interior da casa. Ele ficou só, sentindo a cabeça zozna, o peito em brasa. Não conseguia desprender os olhos dos dois tratores que manobravam como tanques de guerra. Aliás, pensava, era uma guerra que iniciavam contra ele. O idealizador do condomínio talvez não soubesse, mas a partir dessa hora, punha-lhe a perder a alegria de viver.

Via, agora, em cada operário um inimigo; em cada pá, que fundia o chão, um fuzil. E quando a moto-bomba de seis polegadas, barulhenta, acionada por um motor “diesel”, principiou a esgotar os alicerces já cavados, teve a impressão que lhe assestavam um ninho de metralhadoras.

Eram decorridos cinco meses de construção.

Um dia cheio de sol assinalava o início do sexto. A marcha dos trabalhos acelerara-se; um andar por mês. Terminada a última placa, subiriam mais? O monstro de cimento armado avantajava-se; tomara altura mas não crescera a ponto de prejudicar a visão de Policarpo. E agora? Que iam fazer àquele dia?

Os engenheiros, sobre a laje do edifício, discutiam. O de capacete prateado, com documentos à mão, apreciava os detalhes da planta. Outro, de óculos escuros, que não tirava as mãos do bolso, abanava a cabeça. Devia ser o dono e desejava alguma coisa com que os demais não concordavam. O de capacete, gesticulando, punha calor no que dizia. De repente, foram todos à beira da plataforma; olharam para a casa de Policarpo. Teriam feito algum comentário a seu respeito? Afastaram-se, rindo, em direção do mar. O que devia ser o engenheiro responsável pela obra, chegou-se à corda do elevador e deu sinal. O

carro logo movimentou-se, subindo vagaroso, o motor matraqueando.

Um peso enorme desabou sobre o coração de Policarpo. Compreendia tudo, agora. Iam construir outro andar.

Viu alguns homens subirem. Atrás destes, vergalhões de ferro e tábuas para a fixação das formas de cimento armado. O vento soprava forte, e por mais que gritasse, ninguém, no edifício, podia ouvir o seu protesto. Afinal, calou-se. A vontade era desaparecer dali, morrer de repente.

Fechou os olhos. Não queria ver, não queria testemunhar aquele ato de vandalismo. Mas o ruído da obra, infelizmente estrondeava em seus ouvidos.

– Margarida, ô Margarida!

A empregada aligeirou-se a ver o que queria o patrão. Não agüento mais. Quero saber como está o edifício – dizia.

– Esqueça isso, seu Poli.

– Mas eu quero! Vamos, me diga – insistiu.

A voz escapava-lhe nervosa, claudicante. Desde o dia em que os homens decidiram elevar o edifício, ele se confinara entre quatro paredes, receoso de não ver o mar. Crescera-lhe, então, o enorme medo de ter uma emoção maior, não suportar a dura realidade. Mas, passados os dias já não podia resistir à curiosidade.

A empregada tentava mudar de assunto:

– Vamos conversar sobre o inverno, seu Poli.

– Não, não senhora! Quero que você vá ver em que pé está a obra. Vá!

– Está bem – aquiesceu.

Fazia dois meses que a vida de Policarpo se resumia em ir do quarto à sala de jantar. A custo, conseguira vencer esses dias, mas agora tinha uma esperança de que

nem tudo se perdera. Quem sabe se não podia avistar pelo menos uma parte da sua praia, do seu mar?

Ouviu a empregada caminhar sobre as pedras do jardim e parar. Certamente, espiava a altura do edifício, contando-lhe os andares, ou preparava uma desculpa. Oh! ele desejava a verdade. Era velho demais para o enganarem.

- Volte, Margarida! Volte! - ordenou.

Ela desandou até onde ele estava. No ar aflito que se pôs em seu rosto, Policarpo viu que a sorte não o favorecia.

- Taparam tudo? Hem? - tartamudeou.

A empregada abriu os braços antes de responder.

E disse, como transmitisse o falecimento de parente próximo:

- Mais três! Mais três andares!

Ele não pôde conter a surpresa:

- Três? Em toda a frente?

- Sim senhor. Em toda a frente.

- Três? - repetia - Três?

Policarpo sentiu-se como ave flechada em pleno vôo. Seus lábios tremiam, os olhos cintilavam, enquanto balbuciava:

- Três... Três...

De repente, como se outro homem falasse de dentro dele, gritou para a empregada:

- Me leve lá fora, ligeiro!

- Mas seu Poli! - admirou-se ela. - Não é possível!

- Me leve, mulher! É uma ordem!

- Não queria essa desgraça!

Começou a chorar nervosa.

- Largue de tolice! Faça o que lhe ordeno.

Sem outra alternativa, ela se aproximou da cadeira e a empurrou para o jardim, enquanto Policarpo, impaciente, - no decorrer de tão curta caminhada, - ia comentando:

- Três andares, hem? Não pensava nisso! Logo três!
Pois preciso vê-los.

A empregada implorava:

- Por favor, patrãozinho!

- Não se oponha, mulher! Estou-me sentindo maravilhosamente bem.

E estava. A vontade de ver nascia-lhe tão grande que a maldita parede, em frente, não o impedia.

Lá estava o mar, o verde mar que o comovia e em que aprendera a velejar! À direita, o porto... os guindastes elevando mercadorias, as empilhadeiras arrumando caixotes, enquanto homens ruidosos transportavam tambores de óleo. Ao fundo, nítido, um barco a vela aproando em direção da terra. E mais além? Margarida não exagerava também? Bastava abrir os olhos e ver!

- Repare! Vem entrando no porto um transatlântico! dizia.

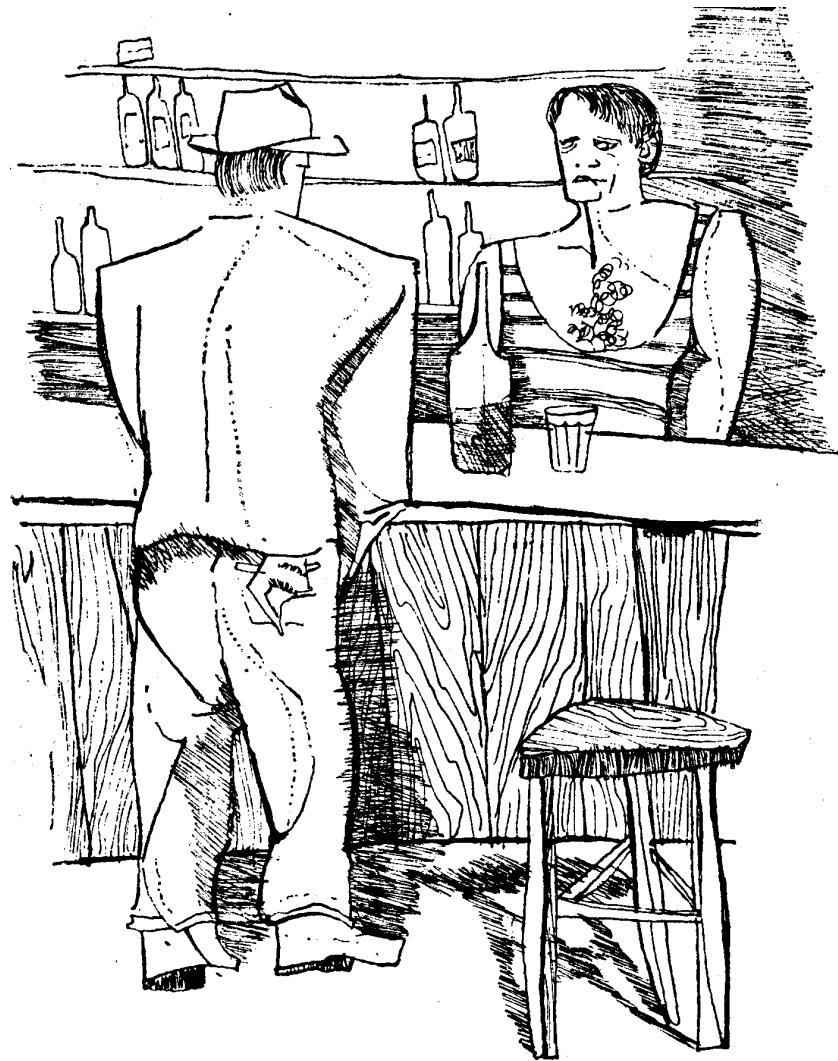
A empregada agoniava-se. Queria safar-se daquela situação constrangedora; escapar à presença fria da enorme estrutura de cimento armado que entaipava a paisagem.

- Volte, volte, "seu" Poli!

- Psssiu! Não fale, não diga nada... - murmurava Policarpo.

Diante dele, - e isso a empregada não podia compreender, - o que existia mesmo era o mar.

Diligência,
ora diligência...



– **D**á licença?

O homem que cochilava sentado no tamborete, na frente do balcão da venda, virou-se vagarosamente antes de responder. Estava de costas, e pela voz, pensou que fosse um dos trabalhadores do açude, obra já na fase final de construção, a um quilômetro dali. Via agora que se tratava de um estranho, certamente alguém à procura de informações sobre irregularidades descobertas no fornecimento do governo.

– Dá licença? – insistiu o desconhecido.

– Pode entrar... – A voz saiu-lhe sem gosto, vagarosa.

– Obrigado.

Houve uma pausa. O que chegara, pigarreou forte.

– Tempo danado de quente. Saí ontem da capital.

Deixei tudo quente, pegando fogo. Também é isso mesmo, inverno que é bom não se em mais, não é?

– É verdade. Aqui também tem andado um bocado quente. – Parou, um pouco, observando o interlocutor. “Quem será esse camarada? Que diabo virá fazer aqui?”

– Como vai o açude?

– Assim, assim... Quase terminado. Se o inverno chegar de arromba, enche ele este ano.

– Gosto de ver açude cheio? Meu avô era homem do sertão. Nas terras dele havia um de quase um milhão de

metros cúbicos. Um mar d'água. Dava galinhola, que o senhor não pode imaginar! Já ouvir falar alguma vez dos Feitosas? Gente minha. Meu avô era desses brabos, mas homem direito chegou ali, parou. – Pôs saudade na frase – Como era bom quando eu passava os dias na fazenda, a montar cavalo, a tomar banho de açude!...

A vagar, identifica-se. Trabalhava para a Polícia há tempo. Nomeava-se Mesquita. Casado, era pai de dois filhos. Um estava de férias; cursava o primeiro ano ginasial. O outro maiorzinho, concluiria o curso no próximo ano.

– Anda de passeio? – indagou o vendeiro.

Houve indecisão e seriedade na resposta:

– De passeio? Eu? Não. É que...

Desejou responder: “Ora, sou lá de andar trocando penas pelo sertão!” Passou o lenço na testa recolhendo o suor que escorria pegajoso; afugentou uma mosca impertinente que lhe teimava sentar no nariz.

– Diabo, ô mosca chata!

Silêncio. Alguns cassacos, ao longe, carregando latas de areia, outros amassando barro. O comboio de animais passou diante da bodega; levantou do chão frouxo uma nuvem de poeira.

– Ô paredão pra comer barro!

– É um açude bonito. Gosto de ver coisas assim. – Calou-se. Enxugava-se, ainda, com o lenço.

– Toma alguma coisa?

– Sabe, eu aceito. Se não for muito incômodo, pode me arranjar uma dose de *cognac*? Ah, calorzinho macho!

O vendeiro levantou-se do tamborete, encaminhou-se para o lado interno do balcão. Não demorou em servir a bebida.

– Não é de primeira, mas é gostosa.

– Com esse calor tudo serve.

Pausa. Ouvia-se o gute-gute da bebida ao ser ingerida. O sol continuava dardejante, e a poeira já voava, outra vez, assanhada pelos animais que passavam de volta, depois de terem despejado o barro na parede em construção.

- O senhor mora aqui há muito tempo?

- Mês e pouco. Eu andava aí por esses mundos, depois resolvi casar, trabalhar aprumado. A gente tendo mulher para cuidar da casa, da roupa, das coisas, tudo anda mais organizado, não acha?

- Lá isso é verdade.

- Vim pra cá, graças a Deus vou indo bem. A mulher, o nome dele é Santa, - é santa mesmo. Faz tudo para mim. E até agora, falar a verdade é preciso, ninguém me atrapalhou a vida.

- Vive em paz?

Ergueu os olhos para o teto. Foi um gesto simples de quem se comove facilmente.

- Com a graça de Deus.

- É isso. Se todos os homens fossem assim não haveria encrenca, não existiria polícia, nem eu estaria aqui nesse desterro fazendo força. Essa é que é a verdade. - Movimentou o lenço pela testa suada.

- Bom, mas existe natureza para todo.

- Também acho, mas não custa nada o sujeito ser bom, bem interiorano. Por isso é que há muita miséria aí pelo mundo. Logo que o vi, pensei: um homem assim, nessa natureza, só pode ser feliz. Vive com simplicidade na sua vendinha, fazendo seu negócio. Essas coisas mesmo.

- Graças a Deus.

- E os outros? Olhe, Nosso Senhor tem muito morador ruim aqui na terra. Gente que não vale dez réis de mel coado.

Riu. O avô, homem do sertão, gostava de dizer aquela frase ao referir-se aos netos endiabrados que possuía.

Quando menino gostava de ouvir-lhe a conversa despreocupada, cheia de frases saborosas. Não sabe como se lembra dele, de seu olhar sereno, das feições enérgicas.

- Quer mais?

- Não. Estou satisfeito. Queria só alevantar o espírito. É lá brincadeira vir desde a estação do trem até aqui, andando! O sol é quente demais!

Afrouxou a gravata rota, abriu o paletó para receber o ventinho manso que soprava a amenizar a temperatura alta. Lá fora, distante, os animais se aproximando da parede do açude, o vozerio dos cassacos, uma mulher grávida a vender café.

- É isso. Tão pesada e ainda trabalhando.

- O senhor vai ficar aqui na construção?

- Eu não. - Foi como se dissesse: "Deus me livre de ficar nessa joça".

- É fiscal?

- Hum, hum!... já lhe disse, sou da polícia. Estou à procura de um sujeito...

Lembrava-se das recomendações do Capitão Otelo. "Diligência é diligência, 'seu' Mesquita! Se você abrir a boca é bem possível não encontrar o homem. Tenha cuidado! Não vá conversar demais. Deixe essa mania de julgar que todo mundo é bom. E veja se faz a viagem com economia, a repartição anda nas últimas..."

- Foi algum roubo?

- Ora roubo! Coisa muito pior.

O vendeiro era todo interrogação. Ficou a olhar para o funcionário da polícia, aguardando a revelação que custava. A figura autoritária do Capitão Otelo não saía da frente de Mesquita: "Não fale, não diga nada a ninguém. Diligência é diligência"... Falava? Contava logo tudo?

- Não foi roubo não?

- Que roubo!

Riu. Foi até a porta da mercearia, ficou a contemplar a bacia do açude, vazia, como se fosse enorme cova. E então, meio assombrado, recordou o crime. O assassino, a quem procurava, havia aberto uma sepultura e nesta jogara o cadáver despido, ferido com vinte e duas facadas. Recuou como se estivesse a ver a cena macabra. Sentou-se no tamborete. Mais calmo, como se não soubesse o que dizer, que assunto falasse, olhou para a parede caiada, demorando a vista nos enfeites.

– Ah cabra miserável! Homem frio, perverso.

O outro, indiferente a tudo, como se estivesse só, lavava o copo na bacia. Assim ocupado, parecia excessivamente doméstico, acomodado, calmo.

– O senhor é um bom homem.

– Por quê?

– A gente vê logo. É devoto. Não passa sem a figura de um santo. Tem aí, na folhinha, outra naquele anúncio de sapato... Esse pedaço de fita não é uma medida de santo? Portanto, tenho razão. Palhinha benta...

É, nós temos que buscar proteção.

Um silêncio comprido, se estirando, se estirando. O ruído dos cascos de animais, vinha abafado, na estrada; a mulher grávida servia café já lá no fim da parede do açude. No meio do tempo um cachorro preto correu atrás de uma galinha. Havia vozes distantes, ruído de uma moto-bomba funcionando. Calor. Sol. Calor, e a poeira vermelha no ar, fina, outra vez assanhada.

Novamente, o silêncio comprido. Vozes, sol quente do lado de fora da mercearia. O cachorro preto, a galinha, o moto-bomba toc-toc-toc-toc sugando água e lama.

– Viu alguém aqui com esse nome?

– Pela redondeza, pra falar a verdade, o único Chico Júlio que existe é este seu criado.

Punha simplicidade no falar, bonachão, a cara larga, risonha.

- Você? Não, você não! - Começou o policial - Não existe só um Francisco Júlio no mundo. Esse, a quem procuro, é um cabra mal encarado. Já matou mais de três. Tem fama de valente, nunca trabalhou. Dizem que não vale nada. O olhar é frio, cruel.

- É assim mesmo?

- Desgraçado! Mata pra se divertir.

Levantou-se, foi novamente à porta, se abanando.

- Me diga uma coisa, conhece todo mundo na construção?

- Conheço.

- Apareceu porventura alguém com essas características?

- Que eu saiba não.

- Bem, de qualquer maneira vou até lá, à beira do açude, dá uma espiada. Diligência é diligência, não acha?

- O senhor é quem sabe.

- Pois até mais.

Saiu pisando forte pelo meio da estrada em demanda do enorme paredão de argila vermelha. Francisco Júlio levantou a parte móvel do balcão; andou até a porta da bodega. O policial, procurando uma ou outra sombra das poucas árvores existentes ali, resguardava-se da soalheira. E suava, podia-se ver, pois todo momento passava o lenço em volta do pescoço, erguia-o à frente, depois se abanava com impaciência.

- Quem é, Júlio?

A posa ouvira vozes e somente agora resolvera sair da camarinha curiosa por saber com quem falava o marido.

- Um soldado.

Cuspiu no barro, com nojo. A mulher, já perto dele, recebeu o agrado de sua mão calosa, que parecia trêmula.

- Um soldado - repetiu.

Os dois olhavam, agora, a parede do açude. Lá estava Mesquita, cercado de trabalhadores, a fazer perguntas. O mesmo ocorria com os que se atarefavam distante. Todos queriam saber se sucedera alguma coisa. Era fiscal? Era briga?

Francisco Júlio vigiava o policial, a repetir os agrados à esposa, com a mão trêmula. Depois, a se lembrar de algo, contemplou a efigie de Nossa Senhora emoldurada no calendário, a fita que era a medida do santo de sua devoção -, e sorriu. Santa também sorriu para ele, mas sem compreender. Tomava a alegria do marido como prazer pela sua presença. Não podia pensar outra coisa do corre-corre-de-mansinho da mão dele pelos seus ombros, pelos cabelos, pelas costas, descendo-lhe até à altura das nádegas.

- Tu conhece ele? - perguntou ela.

- Eu não! Gosto lá de soldado!

- Está falando como se estivesse com raiva.

- É.

Ela aconchegou-se mais ao corpo do marido, sentindo-se feliz. Na verdade, estranhava. Francisco Júlio nunca lhe parecera homem que gostasse de fazer carinhos. Bom, mas secarrão, sem maiores demonstrações de afeto.

Casaram porque a simpatia fora recíproca, mas pouco namoraram. "Você quer fazer vida comigo?" Quis. Achara-o forte, disposto. Mas, por que diabo aquela mão estava tremendo tanto? E esse acarinhamento? Por quê? Ia perguntar a razão daquilo, quando o marido apontando o homem que regressava, falou:

- Lá vem ele. Te cala, hem?

A mão que afagava, parou, como a evitar o tremor. E o desconhecido veio vindo acompanhado de dois cassacos - Manuel Paulo e Chico da Bomba - reconhecidos por ambos quando se aproximaram da bodega. Instintivamente,

o vendeiro largou a mulher. Passou para o lado de dentro do balcão como se temesse uma agressão ou outra coisa igualmente desagradável.

– Saia daí, Santa. Venha para cá.

Sem compreender, a mulher o seguiu também. Nesse momento o policial já alcançava a soleira da porta. Parou aí, visivelmente cansado. Os outros dois também estacaram. Entre eles, e deles para Francisco Júlio e Santa, estendeu-se um silêncio, expectativa que incomoda o vendeiro.

– Nada, “seu” Júlio. Nada! Abriu-se a terra e o desgraçado do criminoso desapareceu. Um homem daquele, frio, sangüinário, que mata por diversão, devia estar preso. Cabra bom de peia!

Chico da Bomba, com o pé encostado na parede, acrescentou:

– Pode ficar certo, “seu” capitão, que homem com esse traçado que vosmicê ’stá dando, não pendeu pra cá, não! – Olhou para o dono da venda, e disse: – imagine que o cabra é ruim de veras. Matou o homem com mais de vinte furadas. Deus me livre!

– É isso. Só lamento a viagem perdida.

Enxugou o suor, mais abundante. Consigo mesmo deplorava a viagem perdida, seu fracasso. Com que cara se apresentaria ao Capitão Otelo? Teria realmente fracassado? Afinal de contas fizera a viagem, fora boa a intenção. Mas se o homem não estava ali, o que fazer?

– Me dê outra dose “seu” Júlio.

O vendeiro ficou imóvel. Depois de um momento, ainda meio indeciso, falou para a mulher, seco.

– Despacha o homem.

Santa limpou as mãos na saia surrada, pegou a garrafa que estava sobre o balcão, e, sem jeito, derramou no copo a dose pedida.

- É sua esposa? - Apontava para Santa, com o copo na mão.

- É sim, senhor.

- Muito bem - sorveu o líquido, de uma vez, fazendo um chiado na boca, como se deixasse encerrar aquele assunto o mais depressa possível e ir embora.

- Quanto é a conta?

- Nada.

- Nada? - admirou-se.

- Nada. Não carece pagar.

Ora, sim senhor. Se fosse na cidade, eu não pagaria menos de dez cruzeiros. Ainda bem que no sertão só encontramos gente boa, de coração amigo. - Depois de um instante - Olhe, mude de nome. Esse seu nome é meio safado.

Diante do sorriso amarelo do vendeiro, despediu-se de Santa. Bateu amigavelmente no ombro dos dois homens que o haviam acompanhado à mercearia, e saiu. O sol continuava quente, parecia queimar tudo. Na parede do açude soubera que descia um trem para a capital às três da tarde. Se puxasse um pouco poderia alcançá-lo. Apressou os passos, afundando os pés no barro vermelho desintegrado sob o pisoteio dos animais.

De repente, lembrou-se da figura do Capitão Otelo, como se ali ele estivesse, farto, comodamente sentado na cadeira de girar, dando ordens, apressando providências.

De início, teve vontade de rir, mas logo irritou-se. Queria ver o capitão sob aquele sol de meio-dia, pisando barro feito jumento de carregar areia! Era muito bom ficar o dia todo sentado, a fumar charuto, com a secretária bonita de lado. "Faça isso, faça aquilo, vejo acolá..." Com raiva, chutou uma pedra que estava no meio da estrada, e disse só para si, gozando a crítica:

- Ora diligência!